Daniel Arantes . Juliane Barbosa . Stefan Campaci . Tatiane Marchi
Orientação: Prof. Dr. Orna Messer Levin

MACUNAÍMA:
Um Roteiro de Leitura

Encenação de Macunaíma por Antunes Filho. Foto: Lia Costa Carvalho

Instituto de Estudos da Linguagem

Estágio Supervisionado / 2008

DANIEL ARANTES . JULIANE BARBOSA . STEFAN CAMPACI . TATIANE MARCHI

MACUNAÍMA: UM ROTEIRO DE LEITURA

Orientação
Profa. Dra. Orna Messer Levin

Instituto de Estudos da Linguagem
UNICAMP

Este material destina-se apenas para uso didático em sala de aula. Não podendo, assim, ser utilizado para fins comerciais.

Projeto gráfico: Tatiane Marchi

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 06

CAPÍTULO 1 07
Atividades 13

CAPÍTULO 2 19
Atividades 27

CAPÍTULO 3 33
Atividades 39

CAPÍTULO 4 43
Atividades 49

CAPÍTULO 5 53
Atividades 60

APRESENTAÇÃO

Professor,

Este fascículo didático tem como objetivo apresentar-lhe uma proposta atual de ensino da literatura. Para isso, escolhemos o livro Macunaíma, de Mário de Andrade. Nossa escolha foi fundamentada em dois pontos principais: 1) A importância e a atualidade dessa obra considerada canônica e difícil da literatura brasileira; 2) A freqüente presença do livro em listas de exames vestibulares.

Para a realização do trabalho que propomos a você, ressaltamos que é necessária a leitura da obra. Não por menos, chamamos nosso material de um roteiro de leitura. Com isso, buscamos apresentar questões que emergem da própria leitura de Macunaíma.

O fascículo é composto de cinco capítulos, tendo como temas principais: 1) Apresentação geral da obra, centrando em sua estrutura e linguagem; 2) Principais influências e contexto histórico da publicação do livro; 3) Caracterização da personagem principal e sua relação com a literatura clássica; 4) Caracterização da personagem principal e sua relação com a literatura moderna e surgimento da figura social do malandro; e 5) Adaptação cinematográfica de obras literárias.

Os cinco capítulos buscam explorar um trabalho que não se esgote apenas em questões da literatura, mas que extrapole para outras áreas e diferentes linguagens. Assim, travamos diálogo com a música, as artes plásticas, o teatro e o cinema. Além disso, cada capítulo é acompanhado de um conjunto de dez atividades de temas e graus de dificuldade variados. Esperamos que as atividades, quando você achar oportuno, possam ser usadas em sala de aula.

É importante dizer que esse material foi pensado como uma ferramenta de atualização de conhecimentos para os professores. Por isto, muitos dos textos são mais extensos e com assuntos mais aprofundados do que normalmente se encontra em materiais voltados para os alunos. Acreditamos que ninguém melhor que o professor para decidir e montar seus próprios planos de aula, utilizando textos, atividades e abordando assuntos conforme achar mais interessante. Por isso, buscamos criar um material que o auxilie nessa tarefa.

Bons estudos!

Os autores.

Capítulo um

Macunaíma? - Ai, que preguiça...

Você já deve ter ouvido falar do livro Macunaíma *do escritor Mário de Andrade. Em 2008, completam-se 80 anos de sua primeira publicação. Este fascículo procurará levantar algumas questões sobre o livro e o autor para lhe ajudar a compreender melhor a obra. Para compreender melhor o que iremos expor ao longo dos capítulos, é importante que você tenha lido as aventuras de Macunaíma, e se não leu, aproveite a oportunidade para ler.*

Apresentação da obra

No ano de 1928 foi publicada uma das mais importantes obras da literatura nacional, *Macunaíma - o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade. Escrito em aproximadamente uma semana, no mês de dezembro de 1926, e revisado no ano seguinte, 1927, o livro nos conta as aventuras da personagem Macunaíma em busca da famosa pedra muiraquitã.

Macunaíma, herói de nossa gente, nasceu no "fundo do mato-virgem", às margens do rio Uraricoera, descendente da tribo dos tapanhumas. A personagem passa os seis primeiros anos de sua vida sem falar uma palavra, exceção feita ao seu bordão "Ai, que preguiça!...". Após passar alguns anos em sua tribo, o herói perde sua mãe e, juntamente com seus irmãos, Maanape e Jiguê, decide partir em busca de novas aventuras.

Logo depois, Macunaíma se encontra com Ci, a Mãe do Mato, rainha da tribo das icamiabas. Após um combate, ele consegue, com a ajuda de Maanape e Jiguê, dominar Ci, que se torna sua nova companheira. Dessa relação nasce um filho, que em seguida morre. Com a morte do filho, Ci também decide partir desse mundo para virar uma constelação; antes de ir ela dá a Macunaíma a sua pedra muiraquitã. A personagem, abatida pela perda, também resolve deixar a tribo das icamiabas com seus irmãos.

Depois de sua partida, o monstro Capei cruza com o herói e o ataca; como conseqüência desse conflito, a muiraquitã se perde. Mais tarde, Macunaíma fica sabendo que a pedra está com o peruano Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, que havia voltado para São Paulo. Decide então, na companhia de seus irmãos, partir para a cidade em busca da muiraquitã. Começa assim a sua saga.

O escritor Mário de Andrade

MÁRIO DE ANDRADE

(São Paulo, 9 de outubro de 1883 – São Paulo, 25 de fevereiro de 1945), poeta, romancista e contista brasileiro, teve grande projeção de seu trabalho a partir da Semana de Arte Moderna, transformando-se em um dos símbolos do Modernismo pelo seu trabalho com a linguagem transgressora dos padrões estabelecidos e com o projeto de valorização de narrativas populares. Entre suas obras, as que mais se destacam são Paulicéia Desvairada (1922, poesia), Macunaíma - o herói sem nenhum caráter (1928, romance) e Contos Novos (1947 – póstumo, contos).

Influências e temas:

Você acabou de ler um resumo do enredo de *Macunaíma*. Em sua leitura você talvez tenha se perguntado: "De onde surgem todos esses nomes estranhos? As lendas e os nomes das personagens foram todos inventados pelo autor?" Para responder alguns desses questionamentos, nesta seção do capítulo, vamos observar quais foram as influências do autor quanto a temática indígena presente na obra.

Fotos tiradas por Koch-Grunberg

KOCH-GRUNBERG

Theodor Koch-Grunberg (9 de abril de 1872, Grünberg-ossen-Essen, Alemanha – 8 de outubro, 1924, Rio Branco, Brasil), filólogo e antropólogo alemão, passou muitos anos fotografando, coletando e descrevendo mitos e lendas de diversas tribos da floresta Amazônica, no início do século XX. Seus trabalhos foram um grande avanço para o conhecimento a respeito dos indígenas brasileiros e tiveram muita influência nas produções de artistas do Brasil, entre eles Mário de Andrade.

Para escrever o livro, Mário de Andrade utilizou como matéria-prima seus aprofundados conhecimentos sobre o folclore brasileiro e a cultura indígena. Uma das mais citadas influências que recebeu o autor foi a pesquisa etnográfica sobre as populações indígenas da América do Sul feita pelo alemão Koch-Grunberg. Os relatos dessas pesquisas de campo foram utilizados por Mário de Andrade para a composição de *Macunaíma*. Um exemplo são as várias aventuras vividas pelo protagonista e seus irmãos que são inspiradas nos mitos transcritos pelo etnólogo alemão.

A utilização da temática indígena configura um projeto nacional da época de busca dos valores nativos brasileiros, tema do próximo capítulo. Outro elemento privilegiado por Mário de Andrade foi a aproximação entre o discurso literário e a linguagem oral, ou melhor, entre a linguagem literária e a fala cotidiana. Construções de frases como "Já tinha muita gente lá", "Porém jacaré abriu? Nem eles." e "tou abrindo!" são típicas da fala, mas ao mesmo tempo são usadas largamente pelo autor. Assim, ao lado dos valores nacionais, há também uma busca e valorização da língua cotidiana falada no Brasil.

No entanto, Mário de Andrade não foi o primeiro a propor uma reflexão do português brasileiro, simultâneo ao trabalho com a temática indígena. No período romântico esse tema também foi utilizado na literatura. Um exemplo bastante conhecido é o do escritor José de Alencar, que para escrever ***Iracema*** utilizou a temática indígena e problematizou a questão da língua falada no Brasil. Esses autores utilizaram fartamente o folclore lingüístico brasileiro na tentativa de criar um meio de expressão nacional que servisse para a afirmação de uma identidade brasileira.

Trecho de IRACEMA de José de Alencar, no qual podemos ver grifadas várias palavras de origem indígena:
"A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. As vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru te palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá , as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão."

JOSÉ MARIA DE MEDEIROS, Iracema, 1884.
Óleo sobre tela, 107,5 x 230,2 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Foco narrativo:

A obra de Mário de Andrade é narrada em terceira pessoa, ou seja, o narrador não participa da história como personagem. Por isso, o narrador pode estar em uma posição de observador, pois ele conhece tudo sobre o enredo e as personagens, sabendo, por exemplo, suas emoções e sentimentos, esse tipo de narrador é chamado de onisciente. O trecho a seguir é um exemplo do que acabamos de dizer:

"No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, o herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma."

A visão do narrador é o que chamamos de foco narrativo. Sobre isso, é interessante notar que em *Macunaíma* esses focos se misturam. Um bom exemplo dessa alternância é o seguinte trecho do Epílogo do livro, no qual primeiramente temos o foco narrativo em terceira pessoa ("Tudo ele contou...") e logo em seguida em primeira pessoa ("...e eu fiquei pra vos contar a história..."):

"Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente."

Xilografura de CANTADORES populares nordestinos, também conhecidos como repentistas.

Observando este trecho final da narrativa poderíamos supor que o narrador se mostra como um contador de histórias, à maneira dos cantadores populares, que, nas feiras do Nordeste brasileiro, acompanhados de uma viola, narram as histórias que encantam os ouvintes e constróem o imaginário popular.

O gênero de Macunaíma:

Neste capítulo você já viu quais foram algumas das influências da obra de Mário de Andrade e também uma questão um pouco mais formal sobre o desenvolvimento da narrativa: O foco narrativo. Continuando a pensar nos aspectos formais da obra, vamos agora refletir um pouco sobre as tentativas de definir que tipo de texto é *Macunaíma*. Uma das definições mais aceitas é a da obra como uma rapsódia. O próprio autor a definiu posteriormente dessa forma. Mas, o que seria uma rapsódia? E por que *Macunaíma* pode ser chamado assim?

PARA SABER MAIS

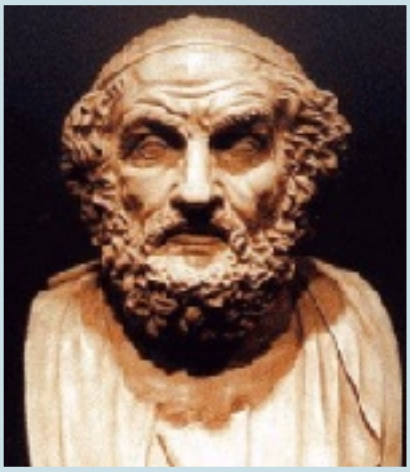
CANTO ÉPICO

O gênero épico foi trabalho em outro fascículo do CEFIEL. Se você se interessou por esta questão acesse: http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfa_letras.php

Rapsódia pode ser definida como um tipo de narrativa popular oral que, na Grécia, era transmitida em forma de canção. A rapsódia, que conta histórias lendárias e folclóricas, é um tipo de canto épico e sua divulgação era feita por artistas populares, denominados rapsodos, que percorriam várias cidades se apresentando. Os rapsodos também se dedicavam a declamações de poemas, principalmente epópeias.

É possível considerar *Macunaíma* uma rapsódia porque sua narrativa está repleta de referências a lendas indígenas, possui um caráter folclórico e contém características da linguagem oral. Além disso, retrata a saga de um herói.

É a presença desse herói, no entanto, que complica a questão do gênero em *Macunaíma*. Enquanto nas rapsódias clássicas o herói é a representação das virtudes de seu povo e suas ações são maneiras de exaltar as qualidades da nação, em *Macunaíma* temos um herói sem caráter. Não encontramos em Macunaíma as virtudes e outros aspectos definidores do herói épico.



Estátua do poeta grego Homero. Escritor de duas importantes epopéias clássicas: A Odisséia e A Ilíada

EPOPÉIA

Epopéias são extensas narrativas, originalmente em versos, que exaltam grandes feitos de um herói que passa por grandes provações e dificuldades em uma aventura. O herói reúne em si os valores e qualidades de um povo ou país, sendo considerado um exemplo de perfeição para determinada cultura.

Pensando na estrutura da obra encontramos também uma outra diferença importante entre rapsódias e o livro de Mário de Andrade: A obra é escrita em prosa e rapsódias eram escritas em versos.

PARA REFLETIR

Se *Macunaíma* não tem alguns dos elementos definidores para ser considerado uma rapsódia, qual seria seu gênero? Um romance moderno com algumas características épicas?

ATIVIDADE DE PESQUISA

O problema da definição do gênero literário de *Macunaíma* é um desafio, não só para a crítica literária, mas também para o leitor. Vejamos um trecho escrito por Manuel Cavalcanti Proença, em "Roteiro de Macunaíma":

"O próprio Mário teve indecisões ao classificar o livro. Primeiramente o chamou de 'história', em um dos prefácios, querendo aproximá-lo dos contos populares (...). Mas não era um título preciso, e se lembrou de chamá-lo 'rapsódia'. (...)
Mais tarde concorreu como 'romance' a um prêmio literário. A idéia não foi de Mário de Andrade, mas ele não a repudiou."
(PROENÇA, Manuel Cavalcanti. "Roteiro de Macunaíma".).

O debate sobre a questão é extenso. Procure pesquisar mais sobre as definições de rapsódia e tente aproximá-las com algumas características do livro.

Apresentação do tempo e do espaço no livro

A apresentação do tempo e do espaço em *Macunaíma* também chama a atenção quando lemos a obra. Como vimos na apresentação do livro, logo no começo deste capítulo, os deslocamentos geográficos das personagens são muitos e acontecem de forma rápida e súbita: Macunaíma muda de lugar, viaja e foge de monstros que o perseguem em um piscar de olhos. Um exemplo: quando o herói é perseguido pela velha Ceiuci, eles passam por diversos lugares do país em um curto espaço de tempo.

Essas mudanças súbitas causam a sensação de velocidade da narrativa, bastante semelhante à estrutura cinematográfica. No cinema, as cenas podem mudar rapidamente, alterando de forma brusca o desenrolar da história. O mesmo acontece em *Macunaíma* quando o autor se utiliza desse recurso na literatura, que são típicos do cinema.

Todos esses aspectos formais tornam o livro difícil de ser lido. Entretanto, se você ficar um pouco mais atento a alguns desses aspectos a leitura se tornará mais prazerosa e fluente. Procuraremos ao longo deste fascículo apresentar mais aspectos formais e estruturais que lhe auxiliem na leitura desse importante livro.

O QUE VOCÊ APRENDEU NESSE CAPÍTULO

Neste capítulo, você primeiramente entrou em contato com a história de Macunaíma e viu que é importante a leitura da obra para poder discuti-la de um modo mais aprofundado.

Depois, você conheceu algumas das influências de Mário de Andrade e a temática indígena trabalhada no livro. Além disso, você observou alguns aspectos estruturais e formais: a voz narrativa e o problema em definir o gênero de *Macunaíma*.

ATIVIDADES

Veja os dois poemas a seguir:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados
(Pau Brasil, Oswald de Andrade).

Macumba de Pai Zusé

Na macumba do Encantado
Nego véio pai de santo fez mandinga
No palacete de Botafogo
Sangue de branca virou água
Foram vê estava morta!
(Libertinagem, Manuel Bandeira).

Podemos observar que a linguagem usada nos dois poemas se aproxima bastante com a que Mário de Andrade usa em seu livro. Dessa forma, faça uma leitura atenta dos dois poemas e responda as seguintes questões:

01)

a) Identifique nos poemas palavras grafadas e construções sintáticas que se aproximam da linguagem oral.

Espera-se que nessa resposta o aluno encontre nos dois poemas as palavras que se aproximam do que encontramos na linguagem oral popular (coloquial) ("mio", "pió", "teia", "teiado", "nego", "veio" e "sangue de branca") para atentar-se nas próximas questões a esse aspecto que permeia tanto os dois quanto o próprio livro de Mário de Andrade.

b) Compare as expressões identificadas por você com as expressões e construções encontradas no capítulo II do livro *Macunaíma*.

Essa questão procura estabelecer um paralelo entre os registros de oralidade que encontramos em Macunaíma e nos poemas de Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, para traçar um breve paralelo entre as obras. Para tanto, existe a necessidade da leitura do livro e a pesquisa por expressões da linguagem oral popular.

02)

Os três escritores mencionados nesse exercício (Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade) são contemporâneos e fizeram parte do movimento literário que ficou conhecido como Modernismo. O que você poderia dizer sobre as semelhanças entre os poemas apresentados?

A questão tem por interesse mostrar essa característica do registro da oralidade da linguagem popular nos autores do movimento modernista. Essa questão serve como ponto de partida para uma pesquisa mais ampla sobre o movimento modernista.

03)

No dia-dia pronúncias que fogem a norma culta da língua são chamadas de "vícios" e, assim, são menosprezadas constantemente. No poema "Vícios da fala", de Oswald de Andrade, vemos muitas dessas pronúncias transcritas. Observe melhor os dois últimos versos "Para telhado dizem teiado /E vão fazendo telhados." Pensando na camada social que é representante dessa modalidade lingüística descrita no poema, responda:

a) Como você interpreta essa fala que afirma que quem diz "teiado" faz "telhados"?

Nessa atividade esperamos que o aluno, ciente da diferença das pronúncias apontadas no poema, reflita a respeito das implicações sociais de não falar de acordo com a norma dita "culta". Assim, por se tratar de um poema que pode sugerir interpretações diversas, algumas das interpretações possíveis são: 1) mesmo tendo uma pronúncia diferente, considerada "errada", eles são capazes de construir coisas, de serem pessoas úteis para a sociedade – inclusive para aqueles que pronunciam "corretamente"; 2) que quem pronuncia palavras dessa maneira costuma ser de classes mais baixas e, portanto, são fadadas a trabalhos braçais; sendo assim um enunciado preconceituoso.

Leia o seguinte trecho de *Macunaíma*:

"Então passou Caiuanogue, a estrela-da-manhã. Macunaíma já meio enjoado de tanto viver pediu pra ela que o carregasse pro céu.
Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.
-Vá tomar banho! Ela fez. E foi-se embora.
Assim nasce a expressão "Vá tomar banho" que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus."

04)

Em *Macunaíma* há a descrição de como foram criadas algumas das principais expressões usadas naquele período no Brasil. "Vá tomar banho" é uma expressão, no entanto, que perdura até os dias atuais, porém com uma utilização diferente da descrita no livro.

a) Compare o uso de "Vá tomar banho" no período do livro com o atual, pensando nas mudanças de contexto e do próprio significado da expressão. Atente também para o significado inicial dessa expressão no livro *Macunaíma*.

Com essa questão, esperamos que o aluno perceba que no livro há uma visão denotativa da expressão "Vá tomar banho", pois ela é dita esperando que Macunaíma realmente vá tomar um banho. A explicação do narrador sobre o uso na época é distinto da atual, pois é relacionada com uma aversão aos estrangeiros (xenofobia) nesse período, sendo representados pelos seus hábitos de higiene. Atualmente a expressão "Vá tomar banho" é utilizada através de um sentido metafórico, como uma forma de expressar o desejo de que uma pessoa que nos aborrece se ausente.

05)

Macunaíma, como foi dito anteriormente, revela-se no fim como um contador de histórias. No trecho anterior o vemos contar como foi criada a expressão "vá tomar banho" e vemos que muitos dos personagens da história dessa criação podem ser considerados míticos ou lendários. Como você interpreta essa ligação entre expressões populares e mitos/lendas? Você acha que por pertencerem a nossa cultura ajudam a construir uma representação da identidade nacional no livro?

Nessa questão, o aluno deve perceber a proximidade entre a presença de uma personagem mítica e o nascimento fantástico de uma expressão popular e corriqueira, como uma forma de aproximação do lendário com o popular em narrações como as lendas, representantes de uma identidade nacional.

---

06)

O índio faz parte do imaginário popular como uma figura, muitas vezes, folclórica. E isso é muito claro quando vemos, em escolas no dia 19 de abril, crianças se vestindo como índios, ou quando se ensina a respeito de suas vestimentas e atividades. No entanto é muito chocante a diferença entre a realidade de muitos índios no Brasil e esse imaginário criado. Vejam as imagens a seguir.

Foto retirada do site http://www.escolapirilampo.com.br, exibindo alunos comemorando o dia do Índio.

Foto retirada do site http://www.jornalopiniao.com, exibindo índios brasileiros atuais.

Voltando a *Macunaíma* e as considerações que fizemos no subcapítulo "Influências e temas", queremos que reflita um pouco sobre a escolha da temática indígena para representar um herói que busca ser o mais brasileiro possível e responda:

Esse conjunto de atividades propõe uma reflexão a respeito das relações que um livro têm com seus contextos histórico, social, cultural e literário. O diálogo interdisciplinar é fundamental para as elaborações de suas respostas e pesquisas.

a) Por que você acha que, entre todos os povos que, na época, habitavam o Brasil (africanos, portugueses, outros europeus, japoneses e índios) o índio, que representava menos de 2% de toda população no Brasil, foi escolhido para tentar representar a identidade brasileira?

Com essa pergunta, esperamos que o aluno reconstrua os principais motivos da escolha do índio como representante brasileiro pelos modernistas. Entre os motivos: o fato de já existir a presença no Brasil de indígenas anterior à vinda de outros povos, de ser a cultura indígena vista como extremamente pura, já que não teria influência de outras culturas, de ser a cultura indígena a mais coerente com a geografia natural brasileira.

b) Em seu dia-a-dia você consegue ver influências indígenas? Se sim, onde?

Aqui, espera-se que o aluno identifique elementos da cultura indígena em sua cultura, como o vocabulário, alimentos, folclore, jogos e brincadeiras, entre outros.

c) Pensando nesse imaginário popular construído sobre o índio disserte sobre as suas conseqüências atuais no processo de inclusão dos índios na sociedade brasileira. Para isso faça pesquisas na internet, jornais ou revistas sobre temas como as cotas para índios na universidade e em empregos públicos, a violência contra índios, as lutas e demandas indígenas, entre outros que você conheça ou encontre. Para essa questão seria interessante que você consultasse o professor de Geografia, História ou Sociologia de sua escola.

Com essa questão, incentivamos que o aluno pesquise em materiais que tenha a mão para que possa desenvolver a sua prática de leitura e pesquisa e utilize-as na atividade de escrita. O diálogo interdisciplinar é muito importante para essa questão, uma vez que explicita a importância de outros conhecimentos na leitura literária ao mesmo tempo em que marca a influência da literatura nesses outros campos.

d) Macunaíma é um herói indígena, no entanto não se parece com nenhum outro herói indígena anterior da literatura. Busque algumas informações sobre os livros escritos com temáticas indígenas e mostre algumas diferenças e semelhanças entre Macunaíma e eles.

Essa é uma atividade que propõe uma análise do livro Macunaíma em seu diálogo com outros livros literários. Assim, esperamos que o aluno consiga construir a relação que se forma entre um livro e outro e seus contextos de produção.

"Carta pras Icamiabas" é um capítulo do livro *Macunaíma*. Esse capítulo é bastante diferente dos demais, pois além de possuir um registro de linguagem diferenciado, ele foi escrito em forma de carta (gênero epistolar). Para responder as próximas questões é perciso que você releia esta parte do livro de Mário de Andrade. A carta é capítulo IX do livro.

07)

Um dos aspectos que mais chama a atenção do leitor, ao se deparar com o capítulo "Carta pras Icamiabas", é a mudança brusca da linguagem. Em todo o resto da narrativa existe uma tentativa de aproximação com a linguagem oral, mas a carta é escrita em uma linguagem que se quer fazer parecer rebuscada.

a) Qual era o principal objetivo da carta?

Espera-se que na resposta a esta questão, o aluno saiba reconhecer a função que a carta desempenha no interior da narrativa. Neste caso, o objetivo é que se identifique que o protagonista Macunaíma escreve para pedir um favor às índias Icamiabas.

b) Considerando a leitura completa de *Macunaíma*, explique qual a relação do herói com as índias guerreiras Icamiabas.

Esta é uma questão que tem como objetivo principal ajudar o aluno a responder as próximas questões, pois é uma questão de reconhecimento de um aspecto do interior da narrativa. Sendo assim, basta que o aluno se lembre que o herói Macunaíma se tornou companheiro da Ci, mãe do mato, líder da tribo das Icamiabas. Além disso, ao se relacionar com Ci, o herói se tornou imperador do mato, título com o qual ele assina a carta.

08)

a) Considerando os elementos epistolares de construção de imagem de remetente e destinatário, responda:

Por que Macunaíma escreveria uma carta em linguagem rebuscada à índias analfabetas?

Nesse capítulo, Macunaíma se vale do registro de linguagem formal rebuscado para pedir mais dinheiro às índias, contrapondo-se com o tipo de linguagem que usa durante todo o enredo. Esse tipo de linguagem, além de servir para os propósitos do herói, também (re)afirma uma posição de poder frente às Icamiabas.

b) Pensando em sua comunidade, você acha que ainda a linguagem culta é uma forma de elevação social? Por quê?

Obviamente não há uma resposta certa e única para esta questão, uma vez que ela é baseada em impressões pessoais do aluno. O objetivo, portanto, é que o aluno possa ter um debate informal sobre uma questão interdisciplinar: o preconceito lingüístico.

09)

Na carta, além da mudança de registro lingüístico há também uma mudança no foco narrativo.

a) Identifique esta mudança.

Nesta questão, o aluno deve perceber que o foco narrativo da carta é em primeira pessoa, ou seja, quem fala é o herói Macunaíma. No restante da obra de Mário de Andrade o foco narrativo é predominantemente em terceira pessoa.

b) Qual o efeito que a linguagem elevada utilizada por este narrador causa na narrativa? Parece coerente com a descrição anterior da personagem?

O objetivo desta questão é o que o aluno perceba o contraste entre a utilização da linguagem rebuscada e as características da personagem Macunaíma. As falas do protagonista são coerentes com o contexto em que elas figuram: quando Macunaíma está em um contexto familiar/informal ele utilizada uma linguagem próxima do coloquial. No entanto, quando ele escreve a carta ele buscando reforçar sua posição de poder utiliza uma linguagem rebuscada, típica das elites chamadas cultas.

10)

Na carta, antes de dizer qual era o seu pedido, Macunaíma conversa sobre vários outros assuntos em uma tentativa de 'enrolar' as índias. No texto, dissemos que este artifício usado pela personagem pode ser uma característica do que costumamos chamar de "jeitinho brasileiro".

a) Você concorda com a afirmação de que seria uma exemplificação do "jeitinho brasileiro."?

b)Você acha possível uma obra de arte expressar a identidade de um povo ou de um grupo de pessoas? Justifique.

A questão 10 (alternativas a e b) não possui resposta esperada. A justificativa para a existência desta questão é fazer o aluno pensar sobre algumas questões que serão trabalhadas no capítulo 2, que tem como um dos temas principais a questão da identidade nacional. Por isso, o que importa aqui é que o aluno saiba defender de forma coerente suas opiniões acerca dos assuntos propostos.

Capítulo dois

Macunaíma: "Tupy, or not Tupy"

Neste capítulo discutiremos as influências que Mário de Andrade teve para escrever Macunaíma*; especialmente duas: as vanguardas modernistas e a questão de identidade nacional. Procuraremos expor alguns pontos que despertem o interesse do leitor de* Macunaíma *para essas questões.*

O Modernismo no Brasil

Mário de Andrade escreveu *Macunaíma* em um período de grandes mudanças sociais no Brasil, a que muitos historiadores nomeiam Modernismo. Esse período é marcado por uma revolução no pensamento da época, impulsionada por diversos fatos históricos que modificaram a organização social brasileira. Entre essas mudanças é possível destacar o desenvolvimento urbano que consolidou a formação de uma classe média e proporcionou a formação de grupos sociais de interesses, lutas e visões de mundo específicos, como aqueles que protagonizaram o Tenentismo, A revolta da Chibata e a Greve de 1917.

É possível ver em *Macunaíma* muitos elementos dessa transformação. Dentre elas, a que mais costuma chamar atenção é a importância que o desenvolvimento urbano e tecnológico da cidade de São Paulo tem no livro. É para São Paulo que Macunaíma deseja que seu filho vá para trabalhar assim que crescer, provavelmente uma alusão às correntes migratórias que surgiram no Brasil ocasionadas pela grande oferta de emprego que apareceram nos centros urbanos devido o processo de desenvolvimento industrial. E, em outro momento, a cidade e as suas características singulares são tema da carta que Macunaíma escreve às Icamiabas, ressaltando seus elementos tecnológicos que aparecem no desenvolvimento urbano e os costumes da população da cidade.

No campo cultural, sob forte influência dos movimentos artísticos vindos, sobretudo, da França, denominados Vanguardas Européias, essa revolução teve como marco inicial a organização da Semana da Arte Moderna, em 1922. Assim, produziu-se em território nacional um grande número de obras de diversas linguagens (artes plásticas, musicais, literárias), revistas e jornais literários (muitas vezes de curta vida útil) e manifestos que tinham como objetivo comum a proposta de uma produção artística que rompesse com as velhas tradições e consolidasse uma identidade verdadeiramente nacional.

Assim deu-se início ao desenvolvimento de um projeto do qual participaram grandes artistas que compõem hoje o cânone nacional e mundial. Esse projeto acabou dividindo-se em vertentes que, apesar do objetivo comum, costumavam divergir, sobretudo, quanto ao ponto de vista de uma criação de identidade nacional. Veremos alguns deles a seguir.

VANGUARDAS EUROPÉIAS

As Vanguardas Européias foram movimentos artísticos que marcaram, do final do século XIX até meados do século XX, a produção cultural de todo ocidente, influenciando todas as formas de linguagem: poesia, prosa, pintura, escultura, etc. As vanguardas tinham como objetivo romper com as velhas tradições artísticas e propor novas maneiras de conceber a arte e sua relação com o mundo. Dentre as vanguardas, as principais foram o Cubismo, o Futurismo, o Expressionismo, o Dadaísmo e o Surrealismo.

Gravura da revista francesa "Le Monde Illustré" (O mundo ilustrado) de 1982. Nessa época, Paris foi um importante centro de difusão artística e cultural.

O Desenvolvimento de um Projeto Nacional

Um dos mais famosos movimentos foi o Pau-Brasil, escrito por Oswald de Andrade que teve seu manifesto publicado em 18 de março de 1924. Nessa vertente, a preocupação com a identidade nacional era traduzida na busca pelo primitivismo, que aparecia na figura do índio brasileiro. Essa proposta se destaca, também, pelo rompimento com as velhas tradições artísticas, sobretudo quanto ao trabalho com a linguagem poética, propondo, em seu lugar uma poesia ligada à cultura popular, tida como mais ingênua e menos acadêmica.

Quatro anos mais tarde, tem-se início um segundo projeto que já não tinha mais como principal objetivo o rompimento com as velhas tradições. Esse projeto, denominado Movimento Antropófago, teve seu manifesto publicado em 1º de maio de 1928, também assinado por Oswald de Andrade.

O *Abaporu*, de 1928.

Quadro de Tarsila do Amaral.

MANIFESTO ANTROPÓFAGO

"Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago."

(Início do manifesto, publicado na *Revista de Antropofagia*.)

O **Manifesto Antropófago** propunha uma recepção dos elementos artísticos estrangeiros através de um processo de resignificação, de modo que as pinturas, músicas e poesias exibissem fortemente valores e características nacionais. Com esse processo, o projeto pretendia construir uma identidade que fosse verdadeiramente brasileira por meio das artes. Uma das principais obras do movimento foi o quadro *Abaporu* ("o homem que come", em tupi), de Tarsila do Amaral. No quadro, vemos as cores da bandeira do Brasil (azul, amarelo, verde), o que nos remete diretamente para a temática nacional. A planta (um cacto) não pertence a flora brasileira, contrastando com a temática. No entanto, a união de idéias estrangeiras e características tipicamente nacionais está de acordo com os princípios da antropofagia modernista, movimento criado com a colaboração da pintora.

Um terceiro grande projeto foi o chamado Verde-Amarelo e teve seu manifesto publicado em 1929, assinado por Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo. Esse projeto nasceu como uma reação à valorização do indianismo, proposta pelos movimentos anteriores. Defendia uma nacionalidade que não tinha o índio como figura máxima de brasilidade, mas uma nacionalidade resultante da soma de todos os componentes existentes em território nacional, o que inclui os estrangeiros. Assim, a figura do índio tupi foi explorada apenas como símbolo da ausência de preconceitos.

ATIVIDADE DE PESQUISA

O título de nosso capítulo foi retirado do *Manifesto Antropófago* escrito por Oswald de Andrade. A frase "tupy, or not tupy" remete a célebre fala da personagem Hamlet de Shakespeare: "To be or not to be that is the question" ("Ser ou não ser, eis a questão").
Tendo como base o que já foi discutido neste fascículo sobre o Movimento Antropófago e suas raízes e objetivos, faça uma pesquisa mais aprofundada sobre esses pontos apresentados e justifique o título desse capítulo.

Macunaíma e as Vanguardas Literárias:

Acabamos de ver como as Vanguardas Artísticas Européias exerceram influência na construção da arte brasileira no início do século. Você talvez tenha se perguntado: "E em *Macunaíma*? Existe alguma influência das Vanguardas Européias na obra?" Tentando responder a essa questão, vamos observar alguns aspectos da literatura de vanguarda que podem ser encontrados na obra.

Mário de Andrade inova em *Macunaíma* ao utilizar uma espécie de técnica cinematográfica na composição da obra com cortes bruscos no discurso do narrador para dar lugar à fala dos personagens, especialmente de Macunaíma. A utilização desta técnica permite identificarmos noções de velocidade, simultaneidade (apresentação de duas ou mais ações ou fatos ao mesmo tempo) e continuidade na narrativa. Um bom exemplo desse mecanismo está no seguinte trecho do capítulo "Ci, Mãe do Mato":

"... Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.
- Puxa, como você cheira bem, benzinho!
que ele murmuriava gozado. E escancarava as narinas mais. Vinha um tonteira tão macota que o sono principiava pingando nas pálpebras dele. Porém a Mãe do Mato inda não estava satisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava para não desmintir a fama só, porém quando Ci queria rir com ele de satisfação:
-Ai! que preguiça!..."

O que vemos nesse trecho é uma série de cortes que conferem ao texto uma velocidade maior. Quando lemos a frase "...,porém quando Ci queria rir com ele de satisfação", esperamos uma continuação habitual, no qual o narrador explicaria o que Macunaíma faz nessa situação. Mas o que temos é um corte brusco e a inserção de uma fala da personagem: "Ai que preguiça!".

Há também uma simultaneidade entre a descrição da cena e a atuação dos personagens na própria cena, não havendo nenhuma pausa entre essas duas.

Outro fator interessante é que esse trecho mostra como se dá a continuidade da narrativa após os cortes que provocam uma sensação de descontinuidade: o uso da letra minúscula no início do parágrafo ("que ele murmuriava gozado") demonstra haver "algo" anterior àquela frase e que a frase está apenas dando continuidade ao que já estava ocorrendo na cena (a fala da personagem também como uma ação).

Observar como as técnicas de escrita de *Macunaíma* imprimiram certo ritmo de velocidade, simultaneidade e continuidade, torna possível a sua associação aos processos literários das vanguardas artísticas do início do século. O processo de "colagem" (ver, no box, o quadro de Picasso) e a escrita fragmentária lembram alguns aspectos do Cubismo e do Futurismo. Além disso, a obra é muitas vezes associada ao chamado Movimento Antropófago. Apesar de o próprio Mário ter dito, em certa ocasião, que não gostaria que seu livro fosse lido como uma obra aos moldes antropofágicos, muitos críticos e estudiosos da obra encontram nela características dessa vertente.

O CUBISMO e o FUTURISMO

Dora Maar com gato de 1941. Quadro de Pablo Picasso

O Cubismo foi um movimento artístico que propunha uma visão fracionada da realidade, a representando através de uma recomposição por planos simultâneos que se sobrepoem. Na pintura, a utilização de estruturas geométricas remontando o objeto de modo a apresentar mais de uma de suas faces tem o papel de desvendar a aparência única com que é visto o mundo, defendendo assim outras visões, ou visões de outras faces da realidade. O Cubismo teve sua maior representação através do pintor Pablo Picasso.

Rapariga a atravessar uma varanda de 1912 Quadro de Giacomo Balla

O Futurismo foi um movimento artístico que teve mais repercussão pelos seus inúmeros manifestos que pelas suas obras. Nascido de um manifesto, publicado em 1909 por Felippo Marinetti, cultuava o desenvolvimento tecnológico, a velocidade, a agressão e a guerra e defendia o completo rompimento com a tradição e os valores históricos, chegando a pregar a destruição de museus e bibliotecas. O Futurismo foi, mais tarde, usado como instrumento de propaganda do Fascismo.

A paisagem nacional em Macunaíma

Você viu que nos projetos e movimentos do grupo modernista brasileiro havia uma preocupação em representar nas artes os elementos genuinamente nacionais. Apresentaremos agora alguns desses elementos no livro de Mário de Andrade.

Uma das características que mais chamam a atenção em *Macunaíma* refere-se à presença de paisagens e traços culturais tipicamente brasileiros. As referências geográficas, a linguagem e as lendas e mitos são algumas das coisas que trazem para o livro traços da cultura do nosso país.

Vejamos o seguinte trecho do capítulo "A Francesa e o Gigante":

"O herói teve medo e desembestou numa chispada mãe parque a dentro. O cachorro correu atrás. Correram correram. Passaram lá rente à Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma dúzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem."

Ao lermos esse trecho, podemos perceber que diversos elementos estão ligados à nossa cultura. Palavras e expressões como "desembestou", "chispada mãe", fazem parte do vocabulário de nossa língua; "Ponta do Calabouço", "Guajará Mirim" e "Itamaracá" são alguns dos diversos cenários genuinamente nacionais que aparecem durante o livro. Tudo isso dá ao livro fortes tons locais. Essa tintura brasileira se relaciona com outra questão: da identidade nacional.

Mário de Andrade, assim como outros autores de nossa literatura, se ocupou com a tentativa de construção de uma linguagem típica do Brasil. Não é por acaso que existem tantas referências à cultura do país em *Macunaíma*. Todas essas referências a elementos presentes em nosso país perpassam por essa tentativa de construção. Inclusive na caracterização do próprio herói. Vamos agora discutir um pouco a questão da identidade nacional na personagem Macunaíma.

O héroi e a identidade nacional:

Ilustração retratando uma roda de samba

Retrato da cantora e atriz Carmen Miranda

Fotografia de uma índia brasileira

Acabamos de ler sobre as diversas referências que o livro traz sobre a cultura nacional. Essas referências não aparecem apenas nas regiões geográficas e traços culturais que o livro possui,como também na própria personagem.

Muitos críticos e leitores de *Macunaíma* apontam que o herói traz consigo características que são comuns também ao brasileiro. Mas quais seriam esses traços? Eles representariam o brasileiro mesmo? Ao terminar de ler a obra, poderíamos nos perguntar: afinal, Macunaíma é a representação do brasileiro? O próprio Mário de Andrade teve indefinições quanto à questão. Nos prefácios que fez para *Macunaíma*, o autor expôs algumas considerações quanto a esse problema, observe-os no box a seguir.

TRECHOS DOS PREFÁCIO DE MACUNAÍMA

"Como caráter entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior no sentimento na língua da História da andadura, tanto no bem como no mal.
O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses tem caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Brasileiro (não). Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas, ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. Quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão de Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter."
(Prefácio de 1926)

"O próprio herói do livro que tirei do alemão Koch-Grünberg, nem se pode falar que é do Brasil. É tão ou mais venezuelano como da gente.
Essa circunstância do herói do livro não ser absolutamente brasileiro me agrada como o quê.
Agora: não quero que imaginem que pretendi fazer deste livro uma expressão de cultura nacional brasileira. Deus me livre. É agora, depois dele feito que me parece descobrir nele um sintoma de cultura nossa."
(Prefácio de 1928)

Mostraremos adiante algumas características do herói que freqüentemente são apontadas como traços do povo brasileiro.

Vejamos o seguinte trecho, do início do livro:

"No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.
Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:
— Ai! Que preguiça!..."

Podemos tirar desse trecho algumas informações sobre Macunaíma: ele é negro e índio (e sabemos que depois fica branco), preguiçoso e esperto. Ao longo do livro outras características surgem. Além disso, a personagem constantemente, por exemplo, tira proveito de diversas situações, sem se preocupar com os outros. Somos inclinados a perguntar se Macunaíma é verdadeiramente um herói. Vejamos a cena a seguir, do capítulo "Ci, mãe do mato":

"A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo do herói soltando berros formidandos que diminuíam de medo os corpos dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos:
— Me acudam que sinão eu mato! Me acudam que sinão eu mato!"

Para Refletir

É importante frisar que não queremos aqui esgotar a questão ou dar uma definição se Macunaíma é a representação fiel ou não do brasileiro típico.
Isso faz parte da interpretação do livro e cada leitor tem o direito de tirar suas próprias conclusões.

Essa é uma cena que ilustra bem a capacidade de tirar proveito de situações em favor próprio. O ato de Macunaíma não condiz com os dos heróis da literatura clássica, por exemplo, os heróis das rapsódias, como Aquiles, da Ilíada. Entretanto, em outros momentos a personagem se aproxima bastante com esses heróis, um exemplo é quando ele se emociona com uma história de amor interrompida enfrentando o responsável por essa tragédia (a personagem Capei).

Macunaíma é uma personagem complexa, cheia de nuances. Não é a toa que até hoje muitas discussões são feitas em torno de sua figura. No próximo capítulo analisaremos suas características, tentando aproximá-las com um elemento da literatura: o herói.

Você sabia ?

A Primeira Guerra Mundial e o surgimento das vanguardas

Na Europa, após os horrores da Primeira Guerra Mundial, houve um tal sentimento de descrença quanto à natureza e situação humana contemporânea que se começou uma busca pelo primitivismo, pois acreditavam ainda não existir aí as corrupções do homem moderno. Artistas começaram a encher museus e galerias com máscaras africanas e figuras indígenas. Quando artistas brasileiros, como Oswald de Andrade, se depararam com o nascimento dessa nova concepção artística, buscaram uma revalorização da cultura nacional, pois existia no Brasil uma forte e genuína presença de uma cultura primitiva, representada pela figura do índio.

Fotografia com algumas máscaras africanas

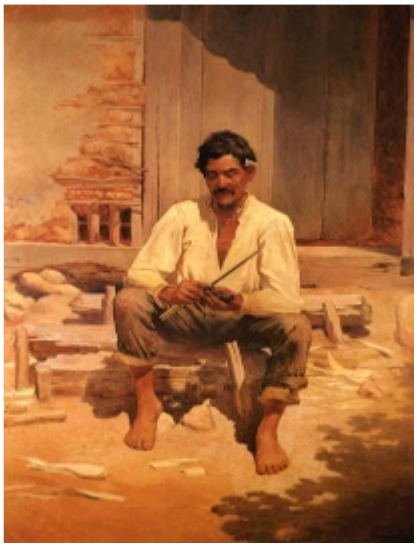
Pablo Picasso, por volta de 1905, tomou conhecimento da arte africana - e aí surgiu nitidamente a inspiração para o movimento cubista

O QUE VOCÊ APRENDEU NESSE CAPÍTULO

Nesse capítulo, você observou como se formou um importante movimento artístico brasileiro no início do século XX: O Modernismo. E viu como as idéias que norteavam esse movimento culminaram em uma arte que buscava retratar os elementos típicos de nossa cultura, formando, com isso, uma discussão sobre a identidade nacional. Depois, você pôde ler sobre como essas discussões e influências atuaram na composição de *Macunaíma*: os elementos do cubismo e do futurismo que podem ser identificados na obra e o debate sobre a identidade nacional presente no livro de Mário de Andrade.

ATIVIDADES

Veja as pinturas a seguir:



Caipira Picando Fumo.
-tela de 1893-

Abaporu,
-tela de 1928-

Iracema.
-tela de 1884-

As telas acima são respectivamente dos pintores Almeida Júnior, Tarsila do Amaral e José Maria de Medeiros. Todas elas, embora tenham sido produzidas em momentos distintos, remetem a figuras tipicamente brasileiras. Responda as questões a seguir:

01)

Quais figuras podemos identificar como "tipicamente brasileiras" nos quadros? Que elementos remetem a isso?

Espera-se que o aluno seja capaz de identificar, em representações artísticas de diferentes épocas, elementos que compõem o imaginário sobre o que poderíamos chamar de "tipicamente brasileiro".

02)

Na sua opinião, que quadro se aproxima mais com o que podemos encontrar no livro de Mário de Andrade?

Nessa atividade, o mais esperado é que o aluno aproxime com maior facilidade o quadro de Tarsila do Amaral com Macunaíma. Alguns aspectos que propiciam tal aproximação se refere à época em que foram produzidos e a aproximação dos dois artistas com os pressupostos que norteavam a produção artística do grupo que se denominou, e ficou conhecido, como modernistas.

03)

Você concorda que todos os quadros apresentam elementos que nos remetem a nossa cultura e ao nosso país? Justifique sua resposta.

Não há uma resposta correta ou esperada para esta questão, uma vez que ela é baseada em uma opinião pessoal do aluno. No entanto, espera-se que o aluno após refletir sobre o assunto seja capaz de tecer uma breve argumentação com base em suas considerações.

Veja as seguintes telas de Tarsila do Amaral:

A negra, 1923

Estrada de Ferro Central do Brasil, 1924

Tarsila do Amaral (Capivari, SP, 1886 - São Paulo, SP, 1973), foi uma artista plástica bastante importante no desenvolvimento do projeto que ficou conhecido como o Modernismo Brasileiro.

Para responder as próximas questões, tenha como base a leitura que você fez no fascículo sobre esse período e o seguinte trecho da biografia da pintora que se encontra no site do Museu de Arte Contemporânea da USP:

"Uma das primeiras artistas brasileiras a adotar tendências modernistas em seu trabalho, Tarsila, ainda que não tenha participado efetivamente da Semana de Arte Moderna de São Paulo, foi responsável pela criação de uma nova linguagem para a pintura brasileira. Segundo Mário de Andrade, podemos afirmar que, da história da nossa pintura, Tarsila foi a primeira que conseguiu realizar uma obra de realidade nacional, já que é a inspiração de seus trabalho que versa temas nacionais." (www.mac.usp.br)

04)

Um bom procedimento para iniciar uma observação atenta de um quadro é descrever os seus elementos: as cores, os traços e a composição das imagens. Você fará agora esse trabalho de observador.

a) Faça uma descrição detalhada dos elementos de A Negra:

b) Faça uma descrição detalhada dos elementos de Estrada de Ferro Central do Brasil:

Nos itens "a" e "b" a intenção é que o aluno faça um trabalho de observação atenta de uma pintura. Com isso, esperamos que este seja um exercício de familiarização com a leitura de imagens. Assim, espera-se que o aluno perceba no quadro, por exemplo, suas cores fortes, a justaposição de imagens, a presença de formas geométricas.

05)

No trecho da biografia da pintora, é dito que Tarsila foi a primeira que conseguiu realizar uma obra de realidade nacional. Nas telas, quais elementos poderiam ser identificados como tipicamente nacionais?

Não há uma resposta exata para esta questão, uma vez que ela é baseada na interpretação do aluno. Por isso, um uso interessante para esta atividade em sala de aula seria fazer com que os alunos comparem suas respostas para discutir e perceber quais elementos fazem parte do imaginário quando se fala em identidade nacional.

06)

Compare as duas telas com o que falamos sobre a identidade nacional em *Macunaíma*. Lembre-se de como acontece a caracterização do cenário na obra de Mário de Andrade e da ligação de alguns desses procedimentos a técnicas das vertentes das chamadas Vanguardas Artísticas.

Espera-se que o aluno trace um paralelo entre as duas obras. Observando, por exemplo, como é feita a caracterização do cenário nas pinturas (sobretudo em Estrada de Ferro Central do Brasil) e aproximando-os dos cenários apresentados na obra de Mário de Andrade. Traçando esse paralelo é possível perceber como a descrição de paisagens supostamente típicas do Brasil é importante para dar a obra um caráter de representação nacional.

Leia o seguinte trecho de "Artigo de Fundo" do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* de Antônio de Alcântara Machado:

"Durante muito tempo a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes.

A primeira, as caravelas descobridoras encontraram aqui comendo gente e desdenhosa de 'mostrar suas vergonhas'. A segunda veio nas caravelas. Logo os machos sacudidos desta se enamoraram das moças 'bem gentis' daquela, que tinham cabelos 'mui pretos, compridos pelas espadoas'.

E nasceram os primeiros mamalucos.

A terceira veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucambas, munibandas, macumas.

E nasceram os segundos mamalucos.

E os mamalucos das duas fornadas deram o empurrão inicial no Brasil. O colosso começou a rolar.

Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou como aquela planta também imigrante que há duzentos anos veio fundar a riqueza brasileira."

Em *Macunaíma* também percebemos que Mário de Andrade problematiza sobre a questão da miscigenação da sociedade brasileira através da figura do próprio herói: ele é índio, negro e depois vira branco.

07)

Faça um breve comentário sobre o trecho de Alcântara Machado. Você concorda com o que ele disse?

Não há uma resposta exata para essa questão. Esperamos que o leitor atente-se sobre as questões sobre a miscigenação brasileira e alie essa questão com o tema da identidade nacional.

08)

Brás, Bexiga e Barra Funda foi publicado no mesmo ano que *Macunaíma*.Pensando no que foi dito no capítulo sobre algumas características da produção literária, quais aspectos da cultura brasileira são retratados no trecho de Antônio de Alcântara Machado e que também podemos encontrar na obra de Mário de Andrade?

O objetivo dessa questão é que o aluno aproxime as duas obras no que se refere à formação do caráter brasileiro. Nos dois autores vemos o índio, o negro e branco como os formadores do sujeito brasileiro.

Leia a primeira parte do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto

Você econtra o poema completo de João Cabral no site: http://www.secrel.com.br/jpoesia/joao01.html

Morte e vida Severina

(Auto de Natal Pernambucano)
1954-1955
O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

09)

Considerando que há diferenças entre "Macunaíma" e "Severino", de *Morte e Vida Severina*, fale a respeito da representação de cada personagem principal, a partir do trecho lido. A que classes sociais eles se reportam? Qual propósito você pode identificar na representação das personagens desse modo?

Com essa questão, esperamos que o aluno identifique que em "Morte e Vida Severina" há uma representação do povo brasileiro, em especial o nordestino, como um paria social, podendo ser lida como uma obra que denuncia uma realidade nacional, em que uma parcela da população existe, mas é excluída. Já em Macunaíma a representação do povo brasileiro tende a tentativa de consolidação de uma identidade, na apresentação de seus diversos costumes, culturas e povos constituintes.

Para responder a próxima questão, observe os seguintes quadros:

Retirantes
– Cândido Portinari (1944) -

Carnaval em Madureira
-Tarsila do Amaral, 1924 -

10)

Percebemos ao compararmos os dois textos – *Macunaíma* e Morte Vida Severina – e os dois quadros acima algumas diferenças. Pensando nessas diferenças, responda as seguintes questões:

a)Macunaíma se aproxima mais com qual quadro? Por quê?

Macunaíma se aproxima mais com o quadro de Tarsila do Amaral, pois não faz nenhuma denúncia social como no quadro e no texto de João Cabral do Melo Neto.

b)Quais aproximações podemos fazer entre o quadro de Portinari e *Morte Vida Severina*?

Tanto Morte e Vida Severina quanto o quadro de Portinari remetem a paisagem do sertão e encontramos nos dois uma denúncia social.

Capítulo três

Macunaíma: O caráter de um herói

No último capítulo discutimos sobre questões de identidade nacional que podem (e costumam ser) associadas ao livro de Mário de Andrade. Você deve ter percebido que essa associação se dá, sobretudo, a partir das ações e transformações sofridas pela personagem central, o próprio Macunaíma. Neste capítulo, o foco será a figura do protagonista. Vamos, então, olhar mais de perto esse, como foi denominado no título da obra, "herói sem nenhum caráter".

Personagens e hérois

Neste capítulo nos deteremos em aspectos que envolvem a personagem principal do livro de Mário de Andrade, trazendo à tona debates amplamente desenvolvidos pelos estudiosos da obra. Para iniciar essa conversa, vale lembrar alguns conceitos e termos chaves que serão utilizados neste capítulo, como, por exemplo, protagonista, personagem e herói.

No livro *A personagem de ficção*, o teórico da literatura Anatol Rosenfeld considera a personagem o elemento mais importante para determinar o caráter, ficcional, de uma narrativa. Isso ocorre porque dentro do espaço da ficção nos deparamos com "seres humanos" imaginados com contornos definidos e visíveis, transparentes, vivendo situações que reproduzem e representam o mundo real, ainda que só existam no plano da ficção. Além disso, a existência de personagens é essencial para o desenrolar de uma narrativa, na medida em que é a partir delas, e por meia delas, que a ação se desenvolve . No caso do livro *Macunaíma*, muitas das aventuras e também das complicações da história acontecem como reflexo de determinadas atitudes que as personagens tomam.

Normalmente existe uma personagem que exerce maior influência no desenrolar das narrativas literárias. Essa personagem é conhecida como protagonista. O protagonista da ação é o centro dos acontecimentos, ou seja, é sobre essa personagem específica que a trama se desenvolve. A personagem de Macunaíma no livro de Mário de Andrade, por exemplo, exerce essa função.

Alguns estudiosos de literatura consideram essa personagem central como a definição do herói de uma narrativa. No entanto, essa definição não é única. Isso se explica, pois muitas vezes o herói é associado não só à personagem principal, mas aos valores elevados e representantes de um povo.

DICA DE LEITURA

Ensaios de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes. Esta obra tem sido importante na formação de sucessivas levas de estudantes de letras e artes, pela inesgotável atualidade de suas análises para o trabalho acadêmico e para a discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam não apenas outros campos do saber, como a filosofia e a lingüística, mas a realidade viva das diversas artes.
(Texto informado no site da editora Perspectiva)

Na antiguidade clássica, o termo herói era usado para definir aquele ser fora do comum e capaz de realizar façanhas incríveis que o aproximam dos deuses. O herói era, muitas vezes, considerado um semi-deus, ou seja, fruto da união de um deus e um ser humano. Essa imagem do herói foi passada para a literatura, sendo este representado como um modelo de valentia, coragem física e moral. Quando um personagem apresenta características opostas àquelas normalmente relacionadas ao herói ele é chamado de anti-herói.

E a personagem Macunaíma, você o consideraria um herói ou um anti-herói? Calma...não é preciso responder a essa pergunta escorregadia (não nesse momento, ao menos), mas queremos que você fique atento a ela ao refletir sobre a obra de Mário de Andrade.

O herói clássico

As primeiras figuras heróicas surgiram, em nossa cultura ocidental, nos mitos e histórias narradas de geração em geração através dos tempos. As histórias mais de heróis de que se tem registro vêm da Antiguidade Clássica, por intermédio das narrativas épicas atribuídas a Homero: a *Ilíada* e a Odisséia. Nessas narrativas, os heróis principais são o guerreiro semi-deus Aquiles, na ***Ilíada***, e o general Ulisses, na ***Odisséia***.

Os heróis serviam de modelo para o povo, por isso, eram-lhes atribuídos valores exaltados ou considerados primordiais para aquele povo. Assim, ao se comparar os heróis de diferentes povos e em diferentes épocas observa-se que suas características e valores variam dependendo daquilo que o povo que eles representam valoriza. Isso é observado ao se comparar os dois primeiros grandes heróis das histórias gregas: ainda que ambos sejam modelos do senso de justiça grego, Aquiles é sempre ressaltado por sua valentia, por sua força, por sua beleza e por suas muitas habilidades guerreiras, enquanto Ulisses é reverenciado, sobretudo, por sua astúcia, por sua inteligência e por sua perspicácia.

Assim vemos que se distinguem dois diferentes ideais de pessoas e de valores, em dois momentos distintos (apesar de próximos) da civilização grega, representados pelas figuras-modelos desses dois heróis: um que defende o seu povo, com suas próprias habilidades, adquiridas por seu grande treinamento e educação privilegiada, e que dedica sua própria vida a este fim; outro que por meio da inteligência, da astúcia, comanda seu exército a vitória e regressa à sua casa, conseguindo fugir de inúmeras ameaças, cativando aliados e amigos.

A Antiguidade Clássica nos apresenta ainda um terceiro herói, que representa um outro povo, em uma outra época: Enéias. A história de Enéias é narrada na ***Eneida***, livro escrito pelo poeta romano Virgílio, em 19 a.C. Enéias é um chefe, semi-deus, troiano, que escapa do incêndio de Tróia, quando os gregos a conquistam, junto com o filho pequeno e o pai, a quem carrega nas costas. A imagem de Enéias acompanhado do pai e do filho é tomada como símbolo dos valores do herói, que sempre se distingue dos demais pela sua piedade e respeito aos superiores (deuses, pais, governantes).

ILÍADA

A Ilíada é uma das mais antigas obras literárias conhecidas, escrita por Homero, por volta do século VIII a.C. Trata-se de um poema épico grego, que narra alguns acontecimentos ocorridos no último ano da Guerra de Tróia, destacando a importância da participação do herói guerreiro Aquiles, que mata o maior guerreiro troiano, Heitor, e abre o caminho para o fim da guerra, com a vitória grega.

ODISSÉIA

A Odisséia é o segundo poema épico escrito por Homero, nele estão narradas as histórias de Ulisses (também conhecido por Odisseu), general grego que, após conduzir o exército grego à vitória, tenta retornar à sua casa. Ulisses enfrenta diversos desafios e barreiras que lhe impedem de retornar: tempestades, deuses, ciclopes, sereias e outros monstros; e apenas utilizando toda a sua astúcia consegue reencontrar seu lar, após vinte anos: dez batalhando em Tróia e dez tentando voltar.

ENEIDA

A Eneida é um poema épico latino, escrito por Virgílio, no século I a.C. Na Eneida estão narrados os feitos do herói troiano Enéias, um importante guerreiro, que foge de Tróia quando incendiada pelos gregos e recebe, do deus Apolo, a incumbência de retornar à região natal de seu primeiro antepassado. Na região do Lácio, atualmente uma região central da Itália, desposa a filha do rei Latino, herdando as terras que deixará para seu filho, cujos descendentes serão os fundadores de Roma.

Gravura representado a *Odisséia*

Gravura representado a *Ilíada*

Uma outra característica das figuras heróicas é o dever para com um objetivo específico que dá significado à sua história. Todo herói busca algo nobre, que lhe é repassado por superiores ou pela sua vontade de justiça. Apenas exercitando seus valores – os valores de seu povo – o herói conseguirá alcançar o seu objetivo e dar fim à sua história. Na *Ilíada*, Aquiles deveria lutar na guerra contra Tróia, na na qual poderia, apenas com suas habilidades, dar a vitória aos gregos; na *Odisséia*, apenas com a sua grande astúcia, Ulisses conseguiria retornar à Ítaca, sua casa, após a Guerra de Tróia; e na *Eneida*, apenas com a sua obediência e a sua piedade, Enéias conseguiria, enfim, fundar Roma.

Há ainda na Antiguidade muitos outros heróis, que representam outros ideais, outros valores, outros povos e têm outros objetivos. A figura do herói acompanha a nossa tradição literária e nos chega, hoje, após ter sofrido algumas mutações, ter sido questionada algumas vezes (inclusive, com o surgimento do anti-herói, que apresentaremos melhor no próximo capítulo) e ter sido apresentada de maneiras diferentes.

E Macunaíma, chamado de herói de nossa gente, que tipo de herói seria? Quais seriam seus valores? Que povo representaria? O que buscaria?

ATIVIDADE DE PESQUISA

Pesquise, na internet ou na biblioteca, imagens e representações gráficas de heróis clássicos. Alguns nomes de heróis que você pode utilizar em suas pesquisa são: Aquiles, Ulisses e Enéias. Atente para e descreva brevemente as características físicas dessas personagens.

Depois, assista ao filme (se não for possível, procure na internet posteres e cenas do filme) *Tróia*, do diretor Wolfgang Petersen, com o ator Brad Pitt no papel de Aquiles. Atente também para a forma como as características físicas do herói são representadas.

Feito esse trabalho de comparação, reflita e discorra, em um parágrafo, sobre a função dos atributos físicos na caracterização de um herói.

O heróico Macunaíma

Macunaíma surge no livro de Mário de Andrade como um herói – já na primeira linha do livro é apresentado como um, e ainda, um herói brasileiro:

"No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente."

Para que Macunaíma fosse considerado um herói nos moldes clássicos, ele precisaria dedicar sua existência a um objetivo, a uma busca ou a uma aventura. Porém, são poucas as atitudes da personagem que sugerem ter ele um objetivo a ser seguido durante todo o livro. No entanto, a busca pela pedra muiraquitã, presente de Ci, sua amada, exerce na narrativa a mesma função das buscas heróicas clássicas. Apresentada no quarto capítulo, é essa busca que fará com que Macunaíma vá para São Paulo e enfrente Venceslau Pietro Pietra, passando por diversas aventuras e situações, que o conduzirão para o desfecho da história. Nesse caminho, Macunaíma passa por muitas provas, que apenas por meio dos valores do povo que representa poderiam ser vencidas. Que valores seriam esses?

O título completo da obra de Mário de Andrade é *Macunaíma – herói sem nenhum caráter*. Os substantivos "herói" e "caráter" usados para definir a mesma personagem causam uma certa estranheza, principalmente, ao se considerar as características do herói clássico que foram apresentadas na seção anterior desse capítulo. Como foi visto, o herói clássico representa as virtudes e valores morais de um povo. Sendo assim, como seria possível um herói não possuir caráter? O subtítulo de *Macunaíma* é ambíguo e, portanto, gera várias interpretações: a mencionada falta de caráter pode significar tanto a ausência de características definidas quanto levar a uma discussão em termos morais, isto é, a respeito do fato de a personagem possuir ou não bom caráter.

Caso se considere que Macunaíma não tem caráter, ele seria representante da miscigenação racial e cultural que constitui o Brasil, como afirma o próprio autor em um dos prefácios do livro:"O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses tem caráter e assim os jorubas e os mexicanos". Um trecho da obra ilustra essa "mistura" como causadora da falta de caráter, no sentido de uma característica única:

"No outro dia bem cedinho foram todos trabucar. A princesa foi no roçado Maanape foi no mato e Jiguê foi no rio. Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? nem ele. Então o herói pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma".

Nessa passagem, vemos que o brasileiro – povo que o herói Macunaíma está representando – é descrito como um sujeito capaz de se transformar para se adaptar às situações, o que permite que, para se dar bem, o herói mude a sua consciência. Toda essa instabilidade de Macunaíma pode ser interpretada como falta de identidade, ou seja, falta de características definidoras do que seja um herói representativo da nação brasileira.

Outra possibilidade de interpretação do subtítulo do livro está no exame da etimologia da palavra Macunaíma, que significa "grande mau". É possível interpretar o termo como uma alusão à ausência de integridade do protagonista, à ausência de um "bom caráter".

Nesse sentido, Macunaíma seria um herói às avessas, pois, suas características não exaltam os valores nobres de seu povo, podendo, a partir disso, ser considerado um anti-herói. O próximo capítulo será dedicado a refletir a respeito do caráter anti-heróico de Macunaíma.

Para Refletir

Quais são as características do povo brasileiro? Você acha possível definir os valores de uma nação sem cair em estereótipos?

Você sabia ?

Gravura representando o cavalo de Tróia.

Presente de grego

Você já deve ter ouvido a expressão "presente de grego", você sabia que ela vem de uma das mais antigas histórias da literatura? Essa expressão costuma indicar um presente ruim, que traz mais prejuízos ou aborrecimentos do que alegria e satisfação. Ela é uma referência à grande Guerra de Tróia, guerra entre os povos grego e troiano, na qual os gregos tentavam invadir a cidade de Tróia, protegida por um impenetrável muro. Durante dez anos os gregos tentaram, sem sucesso, adentrar a cidade, até que, no décimo ano, fingindo desistir da guerra, deixaram junto à muralha um grande cavalo de madeira, que os troianos interpretaram como um presente em sinal de rendição. No entanto, esse cavalo, idealizado pelo herói Ulisses, reconhecido por sua astúcia, abrigava em seu interior dezenas de soldados, que, à noite, já dentro da cidade, saíram do cavalo e abriram os portões do muro para a invasão grega, que terminou com a derrota do exército troiano.

O QUE VOCÊ APRENDEU NESSE CAPÍTULO

Nesse capítulo, você viu como as peronagens são definidoras para a existência de um texto narrativo. Entrou em contato com termos como: protagonista, herói e anti-herói.

Depois, você aprendeu sobre os heróis clássicos da literatura ocidental: Ulisses, Enéias e Aquiles.

Por fim, você observou quais são as características que podem fazer com que *Macunaíma* seja considerado um herói e as controvérsias acerca dessa definição.

ATIVIDADES

01)

Um tipo bastante famoso de herói é o dos super-heróis de histórias em quadrinho. Essas personagens possuem estreitas semelhanças com os heróis clássicos: extrema força física, valores morais e senso de justiça e ligação com um povo ou comunidade.

Sendo assim, observe atentamente as imagens dos seguintes heróis:

Homem-Aranha

Super-homem

Capitão América

Se você não conhece os heróis apresentados acima, converse com o seu grupo ou faça uma rápida pesquisa na internet. Depois, responda as seguintes questões:

a) Observando as cores das roupas e a origem dessas personagens, você as associaria a algum país especifico. Qual e por quê?

É esperado do aluno, nessa questão, que identifique as personagens com os Estados Unidos da América, já que as cores de seus uniformes (azul, vermelha e branca) são as mesmas da bandeira norte-americana.

b) Faça um paralelo entre o herói clássico e o super-herói, pensando no povo que representam. Quais são seus desafios, seus rivais, seus motivos de luta?

Essa pergunta tem como objetivo fazer com que o aluno reflita a respeito das igualdades e diferenças entre esses dois tipos de heróis. Muitas são as respostas pertinentes, uma delas seria observar que o herói clássico tem um vínculo maior com o seu povo, defendendo-o em guerras, batalhando com outros povos, fundando novas cidades, enquanto que os super-heróis tem um vínculo mais forte com a humanidade como um todo, assim, guerreiam pela paz, contra inimigos gananciosos ou que pretendem fazer mal ao mundo.

02)

Você provavelmente deve ter alguns heróis. Escolha um deles e faça um trabalho descritivo. Descreva as suas principais características e atributos físicos, atentando para o que já foi dito no capítulo sobre a função da caracterização do herói para a criação de um mito (pessoal ou nacional).

Essa é uma pergunta muito ampla. Espera-se do aluno que ele se dedique a um trabalho descritivo, privilegiando as qualidades do herói que escolher, que pode ser uma figura da TV, de livros, de histórias em quadrinho, de lendas, da história, de sua família ou qualquer outro lugar.

Leia atentamente o poema Super, de Ulisses Tavares:

Super
Superpopulação
Superpoluição
Superstição
Supertensão
Socorro, super-homem!!!

03)

Em grupo, discuta com seus colegas possíveis interpretações para o poema. Quais são os sentidos do termo "super" que aparece em todos os versos do poema? A que época e cenário o poema se refere?

O aluno deve observar que o termo "super" aparece no poema para identificar problemas pelos quais o homem atual está passando, com exceção da última ocorrência do termo, pois o termo é utilizado para pedir ajuda a alguém que poderia ser capaz de corrigir o problema ou salvar as pessoas. O aluno pode tanto identificar o termo "super-homem" como uma referência ao herói, quanto uma alusão a um homem mais capaz, mais poderoso que o comum, para poder ajudar a solucionar os problemas denunciados acima.

04)

Se você fosse o super-herói de sua cidade, quais seriam as suas características? Imagine sua personalidade de super herói, suas roupas, os problemas e vilões que você teria que enfrentar.

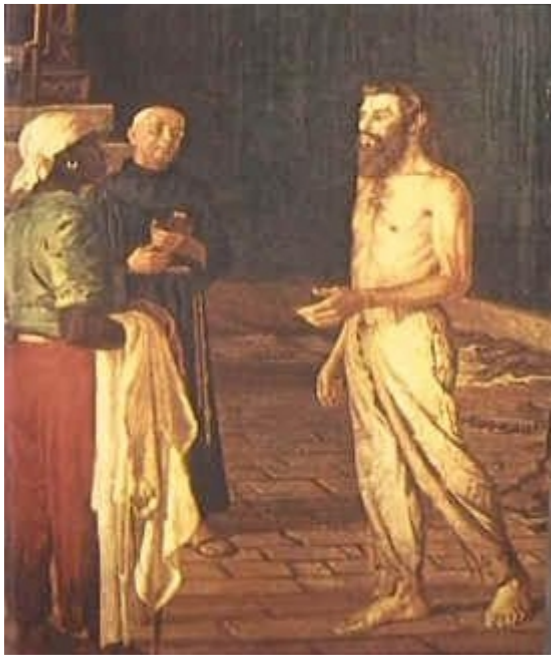
Nessa questão, espera-se que o aluno reflita a respeito de sua realidade, identifique em seu mundo quais são os seus desafios, quais são as dificuldades pelas quais sua cidade, família e conhecidos estão passando e, também, quais são os responsáveis por esses problemas.

---

05)

Tiradentes foi uma importante personagem para a história brasileira, peça chave da Inconfidência Mineira. Morreu como um mártir do movimento em 1793. E apesar da sua importância, não há nenhum retrato seu feito na época. No entanto, muitas imagens suas foram feitas ao longo dos anos. Um exemplo é o quadro *Tiradentes Ante o Carrasco*, de Rafael Falco, imagem bastante conhecida por ter sido estampada nas notas de 5.000 cruzeiros, na metade do século XX.

Observe atentamente o quadro e responda:



a) Considerando as roupas e a aparência física, com que importante personagem da cultura judaico-cristã Tiradentes se parece?

Nessa resposta, é esperado do aluno que ele consiga ver traços de Jesus Cristo na figura que representa Tiradentes no quadro.

b) Por que o autor buscou representá-lo com essa semelhanças? Que valores ele quis atribuir a Tiradentes?

Aqui, o aluno deve identificar a tentativa de construção de um imaginário de Tiradentes como um herói brasileiro que teria morrido em prol de todos os brasileiros que viriam – a construção de um herói mártir, cujo exemplo maior que temos em nossa sociedade é Jesus Cristo.

06)

Faça uma pesquisa sobre os heróis da literatura nacional. Cite pelo menos dois heróis e seus respectivos romances; faça também uma breve descrição das personagens

Espera-se que o aluno através de leituras de obras literárias brasileiras ou outras fontes de pesquisa e cite pelo menos dois exemplos de heróis do romance nacional, caracterizando-os e associando características comuns entre as personagens.

07)

Prepare uma atividade em grupo: Traga para a escola revistas que apresentam celebridades, como Caras, Gente, Quem, e procure identificar como são apresentadas as celebridades. Que características suas são destacadas? Como elas aparecem nas fotos?

Espera-se que o aluno através de leituras de obras literárias brasileiras ou outras fontes de pesquisa e cite pelo menos dois exemplos de heróis do romance nacional, caracterizando-os e associando características comuns entre as personagens.

08)

Nesse capítulo, vimos que todos os heróis têm um objetivo a alcançar e somente exercendo seus valores eles podem conquistá-lo. Considerando que o objetivo de Macunaíma era resgatar a sua muiraquitã, que valores ele teve que exercer para conseguir reconquistá-la?

Há muitas respostas para essa pergunta. O aluno deve observar que atitudes Macunaíma teve para conseguir resgatar a pedra e identificar que valores sustentavam tais atitudes. Há bons valores, como o companheirismo (quando da e recebe ajuda de seus irmãos ou outros personagens que encontra), a humildade (quando pede ajuda aos outros), fé (quando busca ajuda no terreiro de macumba), a valentia (quando enfrenta o gigante Piaimã e outros adversários); mas também há vícios (ou maus valores), como a dissimulação e a mentira (quando engana as pessoas a sua volta). Essa é uma atividade que já prepara uma reflexão para o próximo capítulo, a respeito do anti-herói.

09)

Faça uma breve descrição de Macunaíma. As características que você imagina da personagem são as mesmas que encontramos em um herói? Na sua opinião, qual o traço de Macunaíma que mais se aproxima com um herói?

A questão não tem uma resposta certa, mas apesar de se basear em uma opinião pessoal, o aluno deve notar que Macunaíma não tem características físicas e comportamento iguais a de um herói. Algumas aproximações da personagem com um herói podem ser feitas, especialmente em relação à inteligência de Macunaíma, podendo ser comparada a outros heróis como Ulisses da Odisséia, por exemplo.

10)

Na sua opinião, o que não faz de Macunaíma um herói? Por quê?

Essa questão também não tem uma resposta certa. Todavia, exige que o aluno argumente, valendo-se de provas (trechos do livro ou outros comentários), para sustentar seu ponto de vista. Uma das coisas que poderia ser explorada para uma argumentação refere-se ao comportamento do herói em relação aos seus irmãos, que durante vários momentos engana-os para tirar alguma vantagem.

Capítulo quatro

Macunaíma: O anti-herói e o malandro

No capítulo 4 mostraremos as características que aproximam Macunaíma do anti-herói. Você também verá outro personagem da literatura brasileira que se assemelha à Macunaíma: Leonardinho, personagem principal de Memórias de um Sargento de Milícias. *Outro ponto que este capítulo contém são algumas aproximações que faremos de Macunaíma e da figura do malandro, tão presente em nossa cultura.*

Macunaíma e o anti-herói

Durante a leitura de *Macunaíma* você deve ter percebido que em algumas cenas a personagem age de forma duvidosa, ou seja, suas atitudes não lembram nem um pouco as ações dos heróis tradicionais. Cabe a pergunta: afinal, Macunaíma é um herói ou um anti-herói? Antes de analisarmos o que separa a personagem do herói e o que o aproxima do anti-herói vamos primeiro trazer algumas informações sobre esse conceito de anti-herói.

De acordo com Massaud Moisés, em "Dicionário de Termos Literários", o anti-herói não deve ser confundido com uma personagem que se caracteriza pelos seus defeitos, mas sim como aquela personagem que se aproxima das pessoas comuns, em oposição à figura do herói. Enquanto o herói é caracterizado pela grandeza de suas ações, o anti-herói é aquele que minimiza ou rebaixa suas ações, ou ainda, suas ações se aproximam daquelas que nos lembram seres humanos comuns.

O aparecimento do anti-herói na literatura começa através de um processo de humanização do herói, que deixa de ser uma personagem capaz de realizar façanhas sobre-humanas e passa a apresentar dúvidas, fraquezas e defeitos como uma pessoa comum, especialmente a partir do romance no século XVIII. Esse processo também abre espaço para que representantes de todas as classes sociais comecem a tomar o lugar dos heróis como protagonistas na literatura.

DICA DE LEITURA:

A personagem Fabiano de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos pode ser considerado um anti-herói.

Se por um lado Macunaíma se aproxima de um herói clássico por representar um povo, especialmente se pensarmos na epopéia antiga, por outro se afasta pelas atitudes que toma durante o livro que pouco lembram as ações dos heróis da literatura. Toda essa contradição nos faz aproximar Macunaíma de um anti-herói. Vejamos o seguinte trecho do capítulo "Tequeteque, chupinzão e a injustiça dos homens":

> *"O ticotico era pequetitinho e o chupim era macota. O ticotiquinho ia de um lado pra outro sempre acompanhado do chupinzão chorando pro outro dar de comer pra ele. Fazia raiva. E o ticotiquinho imaginava que o chupinzão era filhote dele mas não era. Então voava, arranjava um decumê por aí e botava no bico do chupinzão. (...) O ticotiquinho ficava azaranzado porque estava padecendo fome e aquele nhenhém-nhenhe-nhém azucrinando ele atrás, diz-que "Telo decumê!...Telo decumê!..." não podia com o amor sofrendo. Largava de si, voava buscar um bichinho uma quirerinha, todos esses decumês, botava no bico do chupinzão, chupinzão engolia e principiava atrás do ticotiquinho outra vez. Macunaíma estava meditando na injustiça dos homens e teve um amargor imenso da injustiça do chupinzão. Era porque Macunaíma sabia que de primeiro os passarinhos foram gente feito nós...Então o herói pegou um porrete e matou o ticotiquinho"*

Notamos nesse trecho que algumas ações da personagem o distanciam do herói clássico. Por exemplo, no trecho acima dificilmente um herói ao ver a "injustiça do chupinzão" acabaria matando o ticotiquinho – a princípio, o pássaro inocente ou vítima entre os dois. Outras ações de Macunaíma também afastam o personagem da condição de herói, especialmente no que se refere ao comportamento da personagem em relação à grande parte das mulheres, basta nos lembrarmos do primeiro capítulo no qual Macunaíma mantém relações escondidas com a mulher de seu irmão Jigüê.

Outro aspecto importante de se ressaltar que aproxima a personagem do anti-herói e que aparece neste trecho da obra são as dúvidas e questionamentos que Macunaíma faz a respeito da "injustiça dos homens". Os sentimentos demonstrados pela personagem a aproximam ainda mais de um ser humano comum e não mais do herói, que tradicionalmente não faz ou tem esses tipos de questionamentos.

Macunaíma e Leonardinho de "Memórias de um Sargento de Milícias"

Na literatura brasileira, uma das primeiros personagens literárias que mais tarde recebeu a classificação de "anti-herói" e freqüentemente é comparada ao próprio Macunaíma é Leonardo Pataca, protagonista de "Memórias de um Sargento de Milícias", de Manuel Antônio de Almeida.

Escrito e publicado em forma de folhetins nos anos de 1852 e 1853, o romance nos conta a história de Leonardo Pataca – ou Leonardinho –, personagem esperto, vadio e mulherengo (assim como Macunaíma), na cidade do Rio de Janeiro do século XIX, desde o seu nascimento, o abandono dos pais e o acolhimento do padrinho, passando pela juventude, até chegar à promoção a sargento de milícias e o casamento com Luisinha.

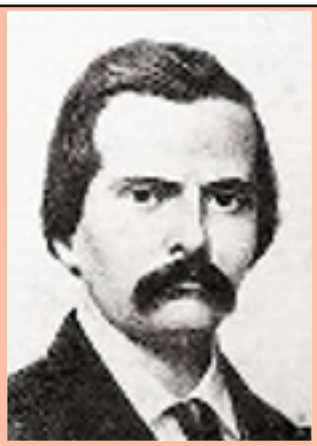


Foto de Manuel Antônio de Almeida, o autor de "Memórias de um Sargento de Milícias".

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

O autor de "Memórias de um Sargento de Milícias" nasceu no dia 17 de novembro de 1831, na cidade do Rio de Janeiro. Concluiu a Faculdade de Medicina em 1855, mas não chegou a exercer a profissão. Foi redator do jornal Correio Mercantil, no qual escreveu o suplemento A Pacotilha. Neste suplemento publicou seu famoso romance, protagonizado por Leonardinho. Conheceu também o escritor Machado de Assis, quando foi diretor da Tipografia Nacional, 1858. Morreu ainda jovem no naufrágio do navio Hermes na costa do Rio de Janeiro.

Podemos perceber que tanto em Macunaíma como em Leonardo as características que trazem os aproximam do anti-herói. Ambas as personagens mostram um lado "mais humano", ou seja, trazem consigo defeitos que certamente os heróis das epopéias não apresentariam em hipótese alguma. Os protagonistas de "Macunaíma" e "Memórias de um Sargento de Milícias" parecem não se preocupar com as conseqüências de suas ações, visando sempre satisfazer suas vontades, sem se importar com o que lhes pode acontecer.

Uma característica comum às duas personagens e bastante marcante em ambas é a aversão ao trabalho. Macunaíma é conhecido por essa característica, que está marcada inclusive no seu bordão "Ai! Que Preguiça..."; já Leonardo, em "Memórias de um Sargento de Milícias", também tem aversão ao trabalho e durante quase todo o enredo não exerce nenhuma atividade, somente quando se vê obrigado pelo Major Vidigal.

As duas personagens têm também em comum o fato de utilizarem o famoso jeitinho brasileiro, que é o modo típico do nosso povo de se aproveitar de influências pessoais, procurar brechas nas leis e regras da sociedade para não segui-las, ou se aproveitar destas brechas para contornar ou reverter situações, a princípio desfavoráveis, em benefício próprio.

O jeitinho, tipicamente brasileiro, é uma característica que aparece em Macunaíma por ele ser uma personagem que reproduz a índole, as manias e a cultura do país. Cabe lembrar que o "jeitinho" faz parte de uma série de características que compõe primeiramente a imagem do malandro, sujeito social que marcou o século XX e que deixou uma importante herança cultural para o país.

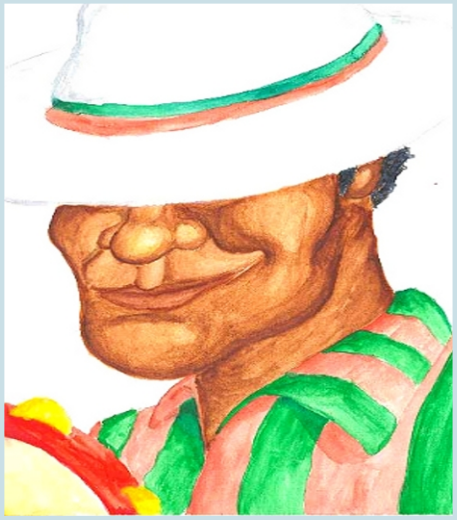
ATIVIDADE DE PESQUISA

Pesquise em jornais, revistas, Internet e outros tipos de mídia fatos, notícias ou situações que fique claro o uso do famoso "jeitinho brasileiro". Após fazer a pesquisa responda: você se lembra de alguma situação em que foi obrigado a usar um "jeitinho"? Descreve-a.

Malandragem em Macunaíma

O que é ser malandro? Se estivéssemos no início do século XX, na época do surgimento do samba, a resposta seria que ser malandro é ter um modo próprio de se vestir, de falar, de agir, de se sustentar e é claro de sambar. Ser malandro era um modo de vida. Os malandros, principalmente no Rio de Janeiro, podiam ser reconhecidos à distância pelo seu modo de se vestir (existe até hoje a imagem clássica do malandro vestido de terno branco), o modo de andar gingado, o vocabulário próprio que usavam no dia-a-dia e também nas letras de samba, e a mania de mexer com as mulheres por onde passavam. Esse malandro exaltava o seu modo de viver em sambas, andava sempre na farra atrás das mulheres e era freqüentemente sustentado por elas, porque o malandro pra valer não trabalhava. O malandro, também, era um sujeito social que desprezava a polícia e as leis, gostava de causar tumulto, brigas e andava sempre armado. Para entender melhor, leia um samba dessa época:

"Meu chapéu de lado/ Tamanco arrastando/Lenço no pescoço/Navalha no bolso
Eu passo gingando/Provoco e desafio/Eu tenho orgulho/De ser tão vadio"



O SURGIMENTO DO SAMBA E DO MALANDRO

O samba surge no início do século XX sendo composto apenas pela percursão e poucos versos. No Rio de Janeiro ele ganha uma força tão grande entre a população que em 1928 já começavam a surgir os primeiros desfiles de escolas de samba.

Com o samba, nasceu o malandro, que era quem cantava e quem inspirava as letras. Essa figura social tipicamente carioca, no entanto, saiu dos limites dos morros e da própria cidade para se tornar nacional através da música, da literatura, do cinema e do teatro.

Mas se ser malandro naquela época era um modo de viver, de se comportar socialmente, o que se tornou agora? Bom, restaram para o brasileiro algumas características desse malandro que se fundiram no nosso modo de viver. Uma delas, o já citado jeitinho brasileiro de resolver as coisas. O gosto pelo samba, pelas festas populares, o desafio da autoridade, das leis e é claro a ambição de ganhar a vida facilmente são heranças do malandro que podemos encontrar observando a nossa sociedade. Mas não só isso, hoje o "agir como malandro" se tornou "malandragem" e para nós virou sinônimo de uma esperteza em contornar as regras socias em favor próprio. Vemos assim que o malandro conseguiu deturpar até mesmo os conceitos morais da sociedade, ser esperto, um termo relacionado a uma característica positiva, se torna negativo quando esperteza passa a designar uma atitude anti-ética.

Se pensarmos em alguns atos diários podemos perceber a presença do malandro claramente. Por exemplo, quando temos algum problema de ordem burocrática e recorremos a pessoas influentes dentro do setor administrativo e pedimos para a situação ser solucionada ou agilizada, ou quando recorremos a subornos, troca de favores, etc. O mesmo acontece, em menor escala, quando nos aproveitamos de situações simples do dia-a-dia como furar fila quando vemos que há uma brecha nela logo a frente. No nosso cotidiano muitas ações dessa natureza passam despercebidas. Até quando dar um jeitinho para resolver algo é aceitável e a partir do que se torna imoral e inaceitável?

Por que nos irritamos quando nossos políticos ou pessoas influentes se aproveitam do povo, do seu dinheiro e de suas influências para se favorecer e em nosso dia-a-dia achamos normal quando nós mesmos nos aproveitemos de situações ou pessoas conhecidas? O que nos guia não são os conceitos morais, mas sim aquilo que pode nos beneficiar ou nos prejudicar. Por isso aceitamos a nossa malandragem diária, afinal facilita a nossa vida, mas não aceitamos a malandragem de políticos ou de pessoas influentes, porque nos prejudica.

E Macunaíma, qual a sua relação com o malandro? O nosso personagem exerce um tipo de malandragem. Ele usa de sua inteligência, de sua esperteza para se beneficiar. Macunaíma faz uso inclusive da violência, assim como os malandros, para conseguir o que quer. Um bom exemplo disso é o início de sua relação com a Ci, na qual ele ao ver que estava em situação desfavorável apela para os irmãos e para a violência para reverter a situação ao seu favor. Macunaíma no livro inteiro se aproveita de outras pessoas, ou da sua situação social, para se sustentar, já que ele é avesso ao trabalho, e passa grande parte de seu tempo descansando ou aproveitando a vida

PARA REFLETIR

O que você acha sobre o jeitinho brasileiro? Em nossa sociedade, é preciso combatê-lo ou é possível conviver em harmonia com esse nosso jeitinho?

Podemos também aproximar Macunaíma do malandro se pensarmos nas relações que eles mantêm com as mulheres. Macunaíma logo no início do livro nos mostra que não tem nenhum caráter quando se trata delas, mantendo relações sexuais com as mulheres de seu irmão. Ele vai acumulando essas relações com mais de uma mulher até chegar na Ci, com a qual a relação tem um início conturbado, mas que se apaixona e tem um filho. Apenas nesse momento vemos Macunaíma ser fiel a uma só mulher, antes e depois de sua relação com Ci ele aparenta ser do tipo "mulherengo", assim como os malandros. Mas até mesmo o fato de manter uma relação estável com a Ci não o distancia do malandro, pois encontramos em várias letras de samba a caracterização de um malandro que se redimi e sai da farra, ou seja, abandona a malandragem, por causa de uma paixão.

Macunaíma é muitas vezes malandro e isso reforça sua caracterização como anti-herói. O egoísmo, a preguiça, a esperteza e a própria malandragem o define como uma personagem moralmente imperfeita, que não tem sempre ações positivas ou justas. Essa oscilação entre ter atos heróicos e atos humanos o torna uma personagem difícil de rotular. Por isso dizemos que podemos perceber em Macunaíma características heróicas, características humanas, características malandras e anti-heróicas.

Abaixo você verá como o malandro tem representações em vários setores culturais. No próximo capítulo veremos e estudaremos Macunaíma em uma outra lingaugem: a cinematográfica. Veremos como a adaptação para o cinema desse livro tão complexo pode ser interessante de ser analisada e comparada com o original.

Para saber mais:

O MALANDRO E A CULTURA BRASILEIRA

Como foi dito anteriormente, a figura do malandro pode ser encontrada em várias áreas da nossa cultura. Caso você se interesse mais por isso, aí vão algumas dicas:

Na literatura já vimos que há a sua presença em *Memórias de um Sargento de Milícia* e *Macunaíma*. Livros importantes da literatura nacional

No cinema temos um exemplo recente no filme *Madame Satã*.

No teatro a peça de maior referência é *A ópera do malandro*, escrita por Chico Buarque e que também pode ser encontrada em livro.

Na música há o exemplo claro do samba, principalmente o samba mais antigo, em meados do século XX. Na MPB também há a presença do malandro. Um bom CD para se ouvir e entender melhor essa figura se chama *O Malandro* também de Chico Buarque.

O QUE VOCÊ APRENDEU NESSE CAPÍTULO

Nesse capítulo, você viu uma caracterização de Macunaíma como um anti-herói e sua aproximação com Leonardo Pataca, protagonista do livro Memórias de um Sargento de Milícias. Depois, você conheceu a figura social do malandro e a sua presença na cultura brasileira.

ATIVIDADES

01)

Com base no que vimos neste capítulo, quais a características que você encontrou no livro que aproximariam Macunaíma da condição de anti-herói?

O exercício espera que o aluno aponte algumas características que aproximem Macunaíma do anti-herói encontradas na leitura do livro.

Leia o trecho a seguir e responda a questão 2:

"O jeitinho é sempre um forma 'especial' de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade"

(Lívia Barbosa, "O Jeitinho Brasileiro - A arte ser mais igual que os outros", Editora Campus)

02)

Lívia Barbosa nos traz uma definição sobre o que é esse "jeitinho brasileiro" de que tanto se fala. Na sua opinião, o que é o "jeitinho brasileiro"? Qual sua opinião sobre o "jeitinho"?

Apesar do exercício ser um tanto subjetivo, a questão propõe que o aluno construa uma argumentação a respeito do tema apresentado durante o capítulo e trace relações com "Macunaíma".

Agora leia um trecho de "Memórias de um Sargento de Milícias" para responder a questão 3.

"Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lho na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí por que falando dela D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social."

03)

Manoel Antonio de Almeida também traz neste trecho acima uma "definição" sobre o "jeitinho brasileiro". Qual é a definição que o autor de "Memórias de um Sargento de Milícias" nos traz? O que podemos apontar no trecho acima como sendo o "jeitinho brasileiro"?

Espera-se que o aluno consiga identificar no trecho dado pela questão a "definição do jeitinho" no último parágrafo do trecho.

Leia o trecho a seguir para responder a questão 4:

"Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em Macunaíma (...)"

04)

De acordo com o trecho, tanto Leonardo como Macunaíma são os grandes malandros da literatura brasileira. Quais os traços em ambos os personagens que podem ser apontados e relacionados com a figura do malandro?

A questão propõe que o aluno relacione a figura do malandro com os personagens da literatura. Espera-se que o aluno consiga estabelecer alguns traços, como a relação entre os personagens e o malandro com as mulheres, semelhantes tanto a Macunaíma e Leonardo quanto ao malandro.

Leia a música "Homenagem ao Malandro" e responda as questões a seguir:

"Eu fui fazer um samba em homenagem
à nata da malandragem, que conheço de outros carnavais.
Eu fui à Lapa e perdi a viagem,
que aquela tal malandragem não existe mais.
Agora já não é normal, o que dá de malandro
regular profissional, malandro com o aparato de malandro oficial,
malandro candidato a malandro federal,
malandro com retrato na coluna social;
malandro com contrato, com gravata e capital, que nunca se dá mal.
Mas o malandro para valer, não espalha,
aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal.
Dizem as más línguas que ele até trabalha,
Mora lá longe chacoalha, no trem da central"

05)

O trecho "aquela tal malandragem não existe mais" se refere a que malandragem? Como ela é diferente da que temos hoje em dia? (Considere para responder a questão os outros versos grifados)

A malandragem citada é a inicial, a do malandro do samba. Hoje em dia temos malandros de todo tipo, desde aqueles que se aproveitam dos outros para ascender socialmente, até os políticos, ou mesmo as pessoas comuns que usam a malandragem.

06)

Compare o que diz a música sobre os malandros atuais com a charge a seguir e comente sobre como está presente a malandragem na política brasileira:

Aqui se espera que o aluno entenda o trecho da música que fala sobre os "malandros federais" como os políticos e busque na sua memória fatos tipicamente malandros que ocorrem na política brasileira.

07)

"Mas o malandro para valer, não espalha,
aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal.
Dizem as más línguas que ele até trabalha,
Mora lá longe chacoalha, no trem da central"

Nesse trecho temos a imagem do trabalho para o malandro como algo vergonhoso. Pensando na atitude do malandro frente ao trabalho, a de Macunaíma e também do brasileiro em geral, responda e disserte: O trabalho é encarado como uma atividade positiva (também voluntária) ou negativa (e geralmente fruto da necessidade)? Para você, que significado possui o ato de trabalhar?

Após refletir sobre as ações dos personagens, do malandro e do brasileiro o aluno deve opinar sobre a visão do trabalho para esses sujeitos. A segunda questão é pessoal.

08)

Durante o capítulo tratamos da questão da malandragem sendo sinônimo de esperteza. Procure no livro Macunaíma alguma situação em que Macunaíma se utilize sua malandragem, esperteza, para se beneficiar e transcreva. Conte também alguma situação parecida que você tenha presenciado/vivido em que ocorreu o uso da malandragem.

Aqui se pede que o aluno aplique a teoria à prática, procurando no livro uma situação na qual Macunaíma aja como Malandro e depois dê o seu depoimento sobre alguma situação que possa ter vivenciado e na qual a malandragem estava presente.

09)

a) Pense em como caracterizamos os Anti-heróis. Agora descreva como seria fisicamente um anti-herói.

b) Seu anti-herói tem características físicas diferentes de como você imaginaria um herói? Se sim, explique o porquê?

Não há resposta certa para essas questões. Espera-se que o aluno desenvolva a proposta a partir de uma visão pessoal.

10)

a) Na nossa sociedade sempre temos Heróis e anti-heróis. Veja um trecho de um blog a seguir e comente se você concorda com a classificação desse brasileiro como anti-herói.

(Texto do Blog http://buzz.globo.com)

Anti-herói nacional

Sex, 24/10/08 por AM | categoria Buzz | tags Bate Nele Rubinho

Dia 2/11 teremos a última etapa do mundial de Fórmula 1, o GP Brasil. E o maldito Hamilton já está com 7 pontos de vantagem sobre o Massa. Ou seja, basta um quinto lugar minguado pras esperanças brazucas irem pro espaço.

Mas e o Rubinho?

Sem chances na competição e fortes indícios de que deve largar a Fórmula 1 ano que vem, Rubinho pode ser nossa grande arma secreta no domingo.

Como?

Mole. Basta dar uma porrada bem dada, daquelas que o Hamilton não vai saber nem de onde veio, para tirar o líder da prova e se tornar herói nacional.

Por isso o Buzz lança a campanha:

b) Cite três pessoas que você considera heróis nacionais e três anti-heróis e explique suas escolhas.

A questão "a" trás a tona a questão dos heróis nacionais e anti-heróis, é uma questão que envolve não só uma opinião pessoal mas uma análise do contexto automobilístico nacional. Pois, Rubinho é considerado inicialmente no Blog como um Anti-herói por nunca responder as expectativas do povo, mas se tornaria um herói nacional se batesse no principal adversário de Felipe Massa e esse ganhasse o grande prêmio de Formula 1. A questão "b" é de opinião puramente pessoal.

Capítulo cinco

Macunaíma: Texto e cinema

Neste capítulo discutiremos apresentar a questão da adaptação de obras da literatura para o cinema. Procuraremos tecer comentários a respeito da noção de fidelidade, e apresentaremos possibilidades trabalho a partir da análise do filme Macunaíma.

Adaptação literária

Atualmente é muito comum assistirmos filmes cujas histórias e enredos foram baseados em obras literárias. São epopéias virando longas-metragens, romances virando novelas, contos virando mini-séries. Esse tipo de passagem de uma linguagem, no caso textual, para uma outra linguagem, como a cinematográfica, é o que chamamos de adaptação. Na primeira, a história se desenvolve tendo como suporte um texto, enquanto na segunda, a história é contada por meio de imagens de um filme, que, hoje em dia, com toda tecnologia digital, dispõem de vários recursos visuais (como os trabalhões com cor e luz), auditivos, bem como recursos especiais de informática, que possibilitam uma gama enorme de efeitos que enriquecem ainda mais os filmes. No entanto, não só é possível vermos adaptação de uma linguagem textual para uma cinematográfica: há ainda livros virando peças, músicas e imagens, como também aconteceu com *Macunaíma*.

Uma das coisas que ouvimos muito toda vez que alguém assiste a um filme adaptado de um romance é que o filme foi "infiel" ao livro, que "mudou" trechos ou falas, que "deformou" a história, que "estragou tudo". De qualquer forma, parece que em uma coisa concordam: o livro sempre é melhor.

Quando dizemos ou ouvimos dizer que uma adaptação foi "infiel", é sempre um sentimento de desapontamento que prevalece. Desapontamo-nos, pois nos parece que falta algo na adaptação, mas que estava presente no livro: um personagem que mudou, uma cena que foi cortada, um elemento que não foi bem explicado ou um outro que foi adicionado, nos pegando de surpresa. Sempre parece que o diretor, o roteirista ou o ator não entenderam o livro direito – pelo menos não como a gente.

É claro que algumas vezes uma adaptação pode ser considerada ruim mesmo, mas o que nos faz ter essa visão de que toda adaptação é infiel (e por isso pior) costuma ser outra coisa. Ao assistirmos a uma adaptação, a nossa tendência é nos prendermos à maneira de narrar dos livros, isto é, focamos na leitura das histórias a partir das estratégias e particularidades dos romances: presença muito mais forte de um narrador, para conduzir a história, a possibilidade de ter um tamanho variado, além de ser uma escrita linear, que apresenta seus elementos (fatos, falas, descrições, pensamentos das personagens, narrador) um de cada vez. Assim, quando assistimos a um filme adaptado de um livro, nos prendemos às impressões e interpretações que tivemos ao ler o romance, com suas estratégias próprias, e não nos mostramos abertos para as estratégias e particularidades do cinema como: a presença mais fraca de um narrador (sendo muitas vezes dispensado), a necessidade de um tamanho mais limitado (são poucos os filmes que têm mais de duas horas), a apresentação simultânea dos elementos narrativos, e a co-ocorrência de várias linguagens (ao mesmo tempo temos informações vindas das falas das personagens, da trilha sonora, de efeitos sonoros, das imagens, dos movimentos, dos cenários etc.).

Por contar com recursos e estratégias tão diferentes vemos que uma adaptação cinematográfica que pudesse ser chamada de fiel é algo além de impossível, mas mesmo indesejável. Por isso cada adaptação deve ser vista como uma nova obra, que apresenta novas leituras, novos ganhos e perdas, novos sentimentos e novas interpretações, e não ser apenas comparada com o romance que representa.

MACUNAÍMA NO TEATRO

Macunaíma não foi só adaptado para o cinema como também para o teatro. Foi encenado pela primeira vez em 1978, no teatro São Pedro, em São Paulo. A peça foi dirigida por José Antunes Filho.

MACUNAÍMA E A MÚSICA

Em 2008, a cantora Iara Rennó lançou o CD "Macunaíma Ópera Tupi", com músicas inspiradas na obra de Mário de Andrade. A cantora adaptou e musicou trechos do livro nas 14 faixas de seu CD. O CD também foi distribuído gratuitamente em bibliotecas publicas, ONGs, fundações de culturas e centros de formação de professores.

Macunaíma, o filme.

Em 1969 o livro *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter* ganhou uma versão em filme estrelada por **Grande Otelo** (Macunaíma negro) e **Paulo José** (Macunaíma branco). De autoria do próprio diretor, Joaquim Pedro de Andrade, o roteiro ganhou o prêmio de melhor roteiro no Festival de Brasília do mesmo ano.

O filme teve um baixo orçamento seguindo a proposta do devido movimento cinematográfico a que se vinculava: O Cinema Novo. Esse movimento propunha um cinema mais popular, de baixo custo, que atingisse toda a população e que demonstrasse a realidade cotidiana. Essas idéias de um cinema mais popular e mais realista vieram de outros movimentos que aconteciam simultaneamente na Europa.

Os filmes desenvolvidos aos moldes do Cinema Novo, como Macunaíma, eram voltados à própria realidade brasileira, incluindo assim os cenários de cidades brasileiras, situações do cotidiano nacional e, no que se refere à linguagem, esses filmes buscavam representar, no cinema, o português diário e popular. Essa foi uma nova perspectiva para o cinema nacional, já que os filmes anteriores ao Cinema Novo possuíam uma linguagem distante da língua falada no Brasil, orçamentos caros e conteúdos vazios de sentido ou ancorados em uma quase-pornografia. A esse gênero de filmes, produzidos no Brasil antes do Cinema Novo, sobretudo entre os anos 50 e 60, foi dado um nome genérico "de chanchadas". Os filmes eram caracterizados pela comédia ingênua, carnavalesca, burlesca, com enredos pobres e de pouco desenvolvimento.

A respeito do Cinema Novo, A frase mais famosa dessa época é a do baiano **Glauber Rocha**, que declarava que para se fazer cinema bastava "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça", uma crítica direta aos orçamentos altos e aos filmes pouco reflexivos.

GRANDE OTELO

Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993), mais conhecido como o Grande Otelo, ator, cantor e compositor, participou de diversos filmes do cinema nacional, sendo os mais famosos as comédias estreladas por ele e Oscarito, nas décadas de 1940 e 1950, e a produção cinematográfica de Macunaíma, de 1969.

PAULO JOSÉ

Paulo José Gómez de Sousa (1937) atuou no filme "Macunaíma", dividindo o papel de Macunaíma com Grande Otelo. O ator, além de "Macunaíma", atuou em outros filmes nacionais como "Policarpo Quaresma, herói do Brasil", de 1998. Atuou também na televisão, em novelas e miniséries como "A Muralha" (2000) e "Tieta"

GLAUBER ROCHA

Glauber de Andrade Rocha (1939-1981) foi um dos mais importantes nomes do cinema brasileiro. Foi um dos integrantes mais importantes do chamado Cinema Novo. Em 1962 estreou na produção de longametragens com "Barravento". Dentre seus filmes mais consagrados estão os premiados "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964), "Terra em Transe" (1967) e "O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro" (1969).

Dentro desse contexto de críticas ao cinema produzido no Brasil até então, e de propostas de produção de um cinema que refletisse a realidade brasileira surgiu o projeto do filme Macunaíma. Você deve estar lembrado que nos capítulos anteriores indicamos de que modo Mário de Andrade procurou tratar em seu livro questões relevantes para o Modernismo, como a preocupação com a identidade e língua nacional. Longe de se esgotarem no movimento modernistas, essas questões foram retomadas nos anos 1960.

Ou seja, o livro cabia exatamente nos ideais desse Cinema Novo.

É um filme que faz jus ao contexto cinematográfico da época, pois demonstra muita originalidade, situações cotidianas e um desafio da moral típico desse ano tão conturbado e cheio de transgressões (não só no cinema, mas na sociedade em geral).

1968, O ANO QUE NÃO TERMINOU.

O ano de 1968 foi um ano conturbado na história, marcado por muitas lutas, guerras e manifestações. Nos EUA, aconteceram o assassinato de Martin Luther King e do senador americano Robert Kennedy e as principais manifestações contra a guerra do Vietnã. Na França, acontece uma greve geral, iniciada por movimentos estudantis de orientação comunista, que abala o sistema político francês e têm repercussão no mundo inteiro. No Brasil é instaurado o AI-5, pelo governo de Costa e Silva. Houve, ainda, muitos outros manifestos, que lutavam contra a repressão dos governos autoritários, o racismo, as guerras e a favor dos direitos civis e das mulheres.

Estudante em manifestação estudantil, em maio de 1968

ATIVIDADE DE PESQUISA

Faça uma breve pesquisa sobre um importante movimento do cinema brasileiro chamado Cinema Novo, do qual fizeram parte importantes cineastas Glauber Rocha e Nelson Pereira do Santos.

Macunaíma: Livro Vs. Filme

Agora que você já entrou em contanto com aspectos da adaptação e com a época e a corrente estética nas quais se insere o filme Macunaíma, é hora de estabelecer uma breve comparação entre o livro de Mário de Andrade e o filme de Joaquim Pedro de Andrade.

As duas obras foram produzidas em momentos distintos da história brasileira. No entanto, uma aproximação, importante para entender o processo da adaptação, pode ser feita entre as duas épocas: tanto o Modernismo, no início do século, quanto o Cinema Novo, na década de 60, se preocuparam em discutir a formação social e a identidade do povo brasileiro. A principal diferença, neste sentido, se encontra no engajamento político e no desejo de proporcionar mudanças sociais do grupo artístico da década de 1960.

As aproximações entre as duas gerações mencionadas podem ser percebidas com facilidade nas representações da personagem Macunaíma que encontramos no livro e no filme. A caracterização do herói é essencial para o debate sobre o nacional nas duas obras, pois, como vimos no capítulo 03, a presença de um herói pressupõe a apresentação de características e aspectos típicos de um determinado povo.

Para entender um pouco melhor as transformações pelas quais o livro de Mário de Andrade passou ao ser adaptado para o cinema, vale a pena discutir o seguinte comentário do próprio diretor sobre o filme:

"Acho que o personagem, no livro, é mais gentil do que no filme, assim como o filme é mais agressivo, feroz, pessimista, do que o livro amplo, livre, alegre e melancólico de Mário de Andrade. Para ser justo, considero o filme um comentário do livro."

O depoimento de Joaquim Pedro explicita a questão da fidelidade, que foi discutida no início deste capítulo. O comentário do diretor demonstra consciência sobre os limites de sua proposta. Ao afirmar que o seu trabalho é um "comentário crítico" do livro, o diretor explicita que a adaptação não pretende ser cópia, mas uma recriação, na qual toma forma uma das possíveis interpretações do livro *Macunaíma*, no caso, a escolhida por Joaquim Pedro de Andrade.

Além disso, o comentário é importante, pois, apresenta uma espécie de resumo das principais diferenças entre a adaptação cinematográfica e a obra literária: o herói Macunaíma é mostrado, no filme, como a representação do mal, o que elimina as nuances concebidas em seu caráter na obra de Mário de Andrade. Para visualizar melhor as modificações, vamos comparar um trecho do filme com a cena correspondente do filme.

Capa do DVD do filme

Macunaíma: Livro Vs. Filme

Cena 1: Nascimento de Macunaíma:

Trecho do livro:

"No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma."

Foto da cena do filme e fala dos atores:

O filme começa com os letreiros sobreimpressos na imagem fixa de terra e vegetação verde-ouro, tons que se explicitam com a trilha sonora Desfile aos heróis do Brasil de Villa-Lobos, hino patriótico, cujo refrão - "glória aos homens-heróis dessa pátria, a terra feliz do Cruzeiro do Sul" - é repetido enfaticamente.

A seqüência 1, composta de 6 planos, interrompe o hino e nos traz Macunaíma.

Plano 1 – Interior da maloca. Plano americano fixo. Uma velha de rosto duro e seco (o ator Paulo José) mostrada da cintura para cima, berra e faz esforço.

Plano 2 – Plano americano (da cintura para baixo) da velha, de onde o herói (Grande Otelo) cai verticalmente no chão, com a boca na terra, gritando.

Plano 3 – Rosto da velha dizendo: - "Pronto, nasceu."

Plano 4 – Plano geral da tapera. A velha recua para fumar, enquanto Jiguê e Maanape vestem na "criança" uma camisola amarela. A mãe pergunta:

MÃE.- Homem ou mulher?
MAANAPE.- É homem, mãe!
JIGUÊ.- Olha a cara dele, mãe, bonitin ho, não?
MÃE.- O xente! Que menino feio danado!
(Macunaíma berra mais alto).
MAANAPE.- A senhora também não é nenhuma beleza!
JIGUÊ (para Macunaíma).- Chora não, irmãozinho,feiúra não é documento.
MAANAPE (para a mãe, ainda irritado).- E nome, ele não vai ter não?

Plano 5 – Close do rosto malévolo da velha dizendo: "Fica sendo Macunaíma (À parte, para os espectadores).- Nome que começa com ma tem má sina."

Plano 6 – Plano fixo de Jiguê, levantando e "aclamando" o herói, acompanhado de vozerio em off: "Macunaíma, herói de nossa gente."

No trecho do livro a personagem Macunaíma é apresentada ao público de forma solene, pois, logo na primeira frase já é anunciado o epíteto de "herói de nossa gente". Além disso, a descrição tanto do cenário quanto do herói que acabou de nascer é bastante abstrata: tem-se informações de que se situa se situa no "fundo do mato virgem" e fica próximo ao rio Uraricoera. Sobre Macunaíma, sabe-se que é "preto retinto e filho do medo e da noite"; no período seguinte, informa-se o leitor de que o recém-nascido é "uma criança feia". Tal informação contrasta com a anterior, na qual, por meio, de uma frase com adjetivos preciosos o herói é apresentado em tom elevado. No entanto, sabe-se disso por meio da voz vaga de um narrador em terceira pessoa, ou seja, fica aberta ao leitor a construção visual da cena narrada. Por fim, nem mesmo o batismo do protagonista permite uma visualização concreta, uma vez que não se sabe quem o nomeia, sabe-se apenas que lhe chamaram de Macunaíma.

A sensação de alusão vaga não permanece no filme de Joaquim Pedro de Andrade, pois, ao contrário da literatura que apenas sugere, o cinema mostra, ou seja, as imagens trazem um sentido mais concreto. Assim, logo no início, a câmera focaliza o cenário do nascimento de Macunaíma: destacando a terra e a vegetação em verde e amarelo. As cores da bandeira presentes no cenário se aliam à trilha sonora, cujo refrão é "glória aos homens-heróis dessa pátria, a terra feliz do Cruzeiro do Sul". A repetição constante desse hino, composto pelo músico Villa-Lobos, prepara o espectador para a apresentação de uma cena que eleve as características do Brasil. No entanto, essa primeira expectativa é quebrada no momento em que se dá um close no rosto da índia parindo Macunaíma: cena representada de forma bastante cômica pelo ator Paulo José, que de forma debochada exclama: "Pronto, nasceu.".

Aliás, toda a cena do nascimento de Macunaíma é cômica, chegando a beirar o ridículo. A apresentação debochada do nascimento do herói é corrente com a interpretação da obra que o diretor quer construir. João Pedro, ao filmar Macunaíma, definiu que o herói sem nenhum caráter é aquele que não possui valores morais. Sua escolha fica clara quando a índia nomeia o filho: "Fica sendo Macunaíma (À parte, para os espectadores).- Nome que começa com ma tem má sina." Essa informação sobre o mau contido no nome Macunaíma não existe no trecho do livro, pois, no decorrer da narrativas, dois sentidos são possíveis para explicar a falta de caráter do herói, como foi visto no capítulo 3.

O QUE VOCÊ APRENDEU NESSE CAPÍTULO

Nesse capítulo, você foi apresentado à problematização da adaptação, no que toca a questão de fidelidade na transposição de uma linguagem para outra (da textual para a cinematográfica, no caso). Você aprendeu, ainda, um pouco a respeito do movimento artístico-cinematográfico a que o filme Macunaíma se vincula, o Cinema Novo, e observou, também, uma análise comparativa entre uma cena do filme e um trecho do livro Macunaíma.

ATIVIDADES

Leia a letra do samba-enredo da Portela, de 1975, que tem como tema "Macunaíma" e depois responda as questões:

Samba Enredo 1975 - Macunaíma - GRES Portela (RJ)
Composição: David Corrêa e Norival Reis

Portela apresenta
Do folclore tradições
Milagres do sertão à mata virgem
Assombrada com mil tentações
Cy, a rainha mãe do mato, oi
Macunaíma fascinou
Ao luar se fez poema
Mas ao filho encarnado
Toda maldição legou

Macunaíma índio branco catimbeiro
Negro sonso feiticeiro
Mata a cobra e dá um nó

Cy, em forma de estrela
À Macunaíma dá

Um talismã que ele perde e sai a vagar
Canta o uirapuru e encanta
Liberta a mágoa do seu triste coração
Negrinho do pastoreio foi a sua salvação
E derrotando o gigante
Era uma vez Piaiman
Macunaíma volta com o muiraquitã
Marupiara na luta e no amor
Quando para a pedra para sempre o monstro levou
O nosso herói assim cantou

Vou-me embora, vou-me embora
Eu aqui volto mais não
Vou morar no infinito
E virar constelação

À Macunaíma dá

01)

Identifique e indique as personagens e trechos do livro que aparecem na letra do samba-enredo.

O aluno deve identificar e indicar as personagens que aparecem no trecho (Macunaíma, Ci, Piaimã, entre outros) e os trechos (como a passagem quando Ci morre e deixa a muiraquitã para Macunaíma)

02)

Procure outras adaptações (teatro, cinema, ou qualquer outra forma de adaptação) de obras literárias brasileiras ou estrangeiras. Faça um pequeno levantamento sobre o que você achou.

O aluno deve fazer um pequeno levantamento de adaptações de obras da literatura para outras formas de linguagem, como, por exemplo, adaptações como "Cidade de Deus" ou "Primo Basílio" (ambas para o cinema).

---

03)

Leia atentamente o seguinte trecho do livro Macunaíma:

"Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão. Às vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando. Macunaíma tirou os sapatos e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera de vespa tatucaba e raiz seca de assacu. Entrou na sala cheia e afastando a mosquitada foi de quatro saudar a candomblezeira imóvel sentada na tripeça, não falando um isto. Tia Ciata era negra velha com um século no sofrimento, javevó e galguincha com a cabeleira branca esparramada feito luz em torno da cabeça pequetita. Ninguém mais não enxergava olhos nela, era só ossos de uma compridez já sonolenta pendendo pro chão de terra."

(Quarto parágrafo do capítulo VII: Macumba)

A sua tarefa neste item é fazer um esforço de imaginação. Após ler o trecho acima, faça uma descrição detalhada da cena que você imaginou: as cores, as roupas das personagens, o cenário ...

Espera-se que nessa resposta o aluno use a imaginação para compor o cenário sugerido pelo texto de Mário de Andrade. O propósito desse item é preparar o aluno para a atividade do item b.

04)

Com base na sua descrição e na leitura do texto de Mário de Andrade, escreve um roteiro cinematográfico para essa cena. Lembre-se de incluir as falas e gestos das personagens.

O objetivo dessa questão é estimular a imaginação por meio da prática escrita. Além disso, é interessante o trabalho que pode ser feito com gêneros textuais, uma vez que se espera que o professor possa auxiliar na passagem de um gênero para outro. Atenta-se, assim, para as adaptações de linguagem que esta atividade envolve.

Observe os seguintes fotogramas do filme Macunaíma, dirigido por Pedro Joaquim de Andrade:

05)

Com base na sua leitura do livro de Mário de Andrade, escreva uma pequena legenda para cada uma das cenas apresentadas nas fotos.

Essa questão pretende simular uma atividade de adaptação. Com isso, espera-se que o aluno perceba que a adaptação é a explicitação de uma determinada interpretação. Essa atividade pode ser satisfatoriamente executada em grupo.

06)

No caderno de atividades do capítulo 3, pedimos que você descrevesse fisicamente a personagem Macunaíma. Aproveitando sua resposta, compare agora com a figura da personagem no filme, faça uma breve análise das características físicas da personagem no filme e responda: o Macunaíma do filme é parecido com o que você descreveu? Você acha que a personagem do filme retrata o Macunaíma do livro?

Não existe resposta correta para essa questão. O exercício propõe que o aluno desenvolva sua argumentação a partir de comparações e análises sobre a personagem apresentada no livro, no filme e na descrição feita pelo próprio aluno.

---

07)

a) Observe no quadrinho a representação de Macunaíma e compare-a com as duas fotos anteriores tiradas do filme.

Essa questão pretende que o aluno perceba a variação de representações de Macunaíma.

b) Busque em sua memória a primeira imagem que você criou de Macunaíma em sua imaginação ao ler a descrição dele no livro. Há semelhanças ou diferenças com as representações gráficas aqui representadas? Como você descreveria o Macunaíma que imaginou?

Essa questão intensifica a questão da percepção das diferentes representações que uma mesma personagem pode ter, a depender de cada pessoa ou cada meio no qual é representado.

08)

No capítulo observamos que o filme é um comentário do livro e não sua fiel representação. Pensando nisso, escolha um gênero de sua preferência (poesia, quadrinhos, charges, desenho, música), discuta em grupo dois ou três trechos interessantes de um livro que o grupo queira adaptar para esse gênero. Cada membro do grupo deve fazer a sua representação. Após o término compare as adaptações para perceber possíveis diferenças nas suas representações.

Espera-se que os alunos percebam que suas interpretações de determinados trechos dos livros e suas representações em outros gêneros podem ser variadas. Espera-se que na discussão após o término do trabalho eles possam perceber que não há apenas uma interpretação correta ou mais fiel e sim diversas interpretações possíveis.

09)

Leia o roteiro da primeira cena do filme "Macunaíma" e responda a questão:

"O filme começa com os letreiros sobreimpressos na imagem fixa de terra e vegetação verde-ouro, tons que se explicitam com a trilha sonora Desfile aos heróis do Brasil de Villa-Lobos, hino patriótico, cujo refrão - "glória aos homens-heróis dessa pátria, a terra feliz do Cruzeiro do Sul" - é repetido enfaticamente.
A seqüência 1, composta de 6 planos, interrompe o hino e nos traz Macunaíma.

Plano 1 – Interior da maloca. Plano americano fixo. Uma velha de rosto duro e seco (o ator Paulo José) mostrada da cintura para cima, berra e faz esforço.

Plano 2 – Plano americano (da cintura para baixo) da velha, de onde o herói (Grande Otelo) cai verticalmente no chão, com a boca na terra, gritando.

Plano 3 – Rosto da velha dizendo: - "Pronto, nasceu."

Plano 4 – Plano geral da tapera. A velha recua para fumar, enquanto Jiguê e Maanape vestem na "criança" uma camisola amarela. A mãe pergunta:
MÃE.- Homem ou mulher?
MAANAPE.- É homem, mãe!
JIGUÊ.- Olha a cara dele, mãe, bonitin ho, não?
MÃE.- O xente! Que menino feio danado!
(Macunaíma berra mais alto)."

Essa parte do roteiro do filme corresponde às primeiras linhas do livro de Mário de Andrade. Releia o primeiro parágrafo do livro e compare com o roteiro. Você acha que o filme retratou bem ou mal essa cena? Por quê?

Com base no que foi lido no capítulo, o aluno deve refletir sobre as diferenças entre as duas linguagens (o cinema e a literatura) e sustentar seu ponto de vista sobre a fidelidade ou infidelidade da cena do filme em relação ao livro, buscando elementos que o ajudem na construção de sua argumentação

10)

Leia o comentário de Joaquim Pedro de Andrade a seguir e responda:

"Acho que o personagem, no livro, é mais gentil do que no filme, assim como o filme é mais agressivo, feroz, pessimista, do que o livro amplo, livre, alegre e melancólico de Mário de Andrade. Para ser justo, considero o filme um comentário do livro."

Como vimos durante a leitura do capítulo, existe uma grande dificuldade nas adaptações de livros para o cinema: a "fidelidade" do filme. No comentário acima podemos perceber essa dificuldade. Na sua opinião, é possível um filme ser fiel ao livro? Se você já assistiu a um filme que pareceu o mais fiel possível ao livro que o originou, indique-o.

O aluno deve argumentar sobre a questão da fidelidade do filme em relação ao livro e expor argumentos que comprovem o seu ponto de vista.